

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO

PERSPECTIVAS GESTÁLTICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE

CURITIBA
2015

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA
MESTRADO EM PSICOLOGIA

LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO

PERSPECTIVAS GESTÁLTICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE/RELIGIOSIDADE

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientador: Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda
Linha de pesquisa: Psicologia Clínica

CURITIBA
2015



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ
Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes
Coordenação de Pós-Graduação em Psicologia
MESTRADO EM PSICOLOGIA

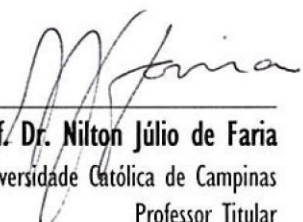
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO
PSICOLOGIA
 Ψ

LÁZARO CASTRO SILVA NASCIMENTO

"PERSPECTIVAS GESTÁLTICAS SOBRE ESPIRITUALIDADE / RELIGIOSIDADE".

Dissertação apresentada como requisito obrigatório para a obtenção do Título de **MESTRE EM PSICOLOGIA**, pelo Programa de Pós-Graduação de Mestrado em Psicologia, do Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes da UFPR – Universidade Federal do Paraná, e APROVADO (aprovada/reprovada) pela Banca Avaliadora abaixo assinada.


Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda
Universidade Federal do Paraná
Professor Orientador


Prof. Dr. Nilton Júlio de Faria
Pontifícia Universidade Católica de Campinas
Professor Titular


Prof.ª Dr.ª Mary Rute Gomes Esperandio
Pontifícia Universidade Católica do Paraná
Professora Titular

Curitiba, 30 de junho de 2015.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda (Orientador)
(Universidade Federal do Paraná – UFPR)

Prof. Dr. Nilton Júlio de Faria
(Pontifícia Universidade Católica de Campinas – PUC-Campinas)

Profa. Dra. Mary Rute Gomes Esperandio
(Pontifícia Universidade Católica do Paraná – PUCPR)

Prof. Dr. Carlos Augusto Serbena - Suplente
(Universidade Federal do Paraná – UFPR)

CURITIBA
2015

*Ao meu pai, amoroso, cuidadoso e religioso, com quem
aprendi muitos dos valores que carrego hoje comigo.*

Agradecimentos

Aos meus pais, Lúcia e Osvaldo, e ao meu irmão, Osvaldo Jr., por me incentivarem, por acreditarem em mim, por terem me ensinado que o amor é a melhor via para possibilitar o crescimento e amadurecimento enquanto **ser** humano. Amo vocês!

Às Gestalt-terapeutas que me inspiram no meu processo de desenvolvimento enquanto clínico e estudioso da área: Adelma Pimentel, Kamilly Vale, Espedita Feitosa e Yara Gualda.

Ao Prof. Adriano, crítico, sagaz, por vezes encrenqueiro, mas acima de tudo cuidadoso, incentivador e ético. Vir de longe para ser seu orientando compensou cada minuto da minha jornada por vezes angustiante. Muitíssimo obrigado pela confiança e parceria!

À Fernanda Zanin, pela luta, pelo vigor, pela inspiração para acreditar que um mundo melhor é possível ainda que rememos contra a maré! Obrigado eternamente! Te amo, *guria!*

Às amigas valorosas que Curitiba me deu de presente: Natascha de Conto, Thauana Araújo, Rafael Justino, Mariana Puchivailo, Germano Pestana, Jennifer Moreira, Simone Dreher, Charles Lada, Camila Muhl, Sheila Volpi e tantas outras. Gratidão!

Aos responsáveis, talvez sem saber, pela restauração do meu equilíbrio e da minha saúde em tantos momentos de crise: Renata Gorosito, Fábio Gottschild e Cíntia Albuquerque.

A todos meus amigos e amigas de longa data que me nutriram/nutrem dia após dia mesmo morando longe ou perto. Em especial: Amanda, Caroline, Carlos (Ranei), Nathália e Vitória!

Ao GEGT/UFPR - Grupo de Estudos em Gestalt-terapia da UFPR: obrigado pela confiança, pelo carinho e pela presença! Sucesso a todos vocês!

Às pessoas que estiverem em atendimento psicoterapêutico comigo durante este período: clientes/pacientes, a confirmação em ser Gestalt-terapeuta veio, e vem cotidianamente, através do contato com cada um de vocês.

À comunidade gestáltica que participou desse estudo! Muitíssimo obrigado!

À vida, por me possibilitar experimentar o melhor e o pior da existência no caminho do viver.

*Hay que endurecerse,
pero perder la ternura jamás!*

Resumo

As discussões acerca do tema espiritualidade parecem ter sido afastadas da Psicologia brasileira de uma maneira geral. Poucos são os cursos de graduação que possuem disciplinas específicas sobre esta temática. A Gestalt-terapia é um dos diversos referenciais teóricos que orientam a prática do profissional em Psicologia. Esta abordagem psicológica traz em sua base filosófica menções ao zen-budismo, ao taoísmo e ao pensamento oriental e foi fundada, com auxílio de outros pensadores, por Frederick (“Fritz”) Perls. O objetivo deste trabalho foi investigar o tema da espiritualidade/religiosidade na Gestalt-terapia a partir de duas vias: a primeira visitando os escritos de Fritz Perls; a segunda levantando com Gestalt-terapeutas brasileiros como estes compreendem este tema. A investigação nas obras perlsianas foi feita de forma sistemática. Foram lidas as suas cinco obras de maneira cronológica, respeitando os anos das publicações originais, a fim de fazer uma arqueologia quanto à compreensão da espiritualidade para o autor. Para a segunda parte da pesquisa, foi construído um questionário online autogerenciado sobre espiritualidade. O instrumento foi composto pelo autoquestionário “Core Dimensions of Spirituality”, adaptado ao português pelos autores, e por outras perguntas. Após aprovação pelo Comitê de Ética em Pesquisa, o questionário foi disponibilizado *online*. Participaram da pesquisa 198 psicólogos, Gestalt-terapeutas brasileiros, de todas as regiões do país. Em relação às análises na produção de Perls pode-se afirmar que em suas últimas obras parece haver uma abertura para discutir a espiritualidade como algo que compõe a existência humana, apesar de seus escritos serem fortemente marcados inicialmente por uma intolerância a temas vinculados ao transcendente, compreendendo-os como produtos de neurose. Foi possível perceber nos dados dos respondentes uma compreensão bastante vasta sobre a espiritualidade, englobando aspectos transcendentais e imateriais, até uma compreensão mundana, corpórea, deste fator como parte da existência humana. Houve dificuldade conceitual por parte dos participantes em compreender a diferença entre espiritualidade e religiosidade. Ao fim são feitos entrelaçamentos reflexivos aproximando as duas pesquisas, tecendo-se considerações finais e abrindo perspectivas para novas pesquisas.

Palavras-chave: Gestalt-terapia, Espiritualidade/Religiosidade, Fritz Perls, Gestalt-terapeutas

Abstract

Discussions on the theme of spirituality seem to have been apart of Brazilian Psychology in general. Few graduation schools have specific disciplines on this theme. Gestalt therapy is one of several theoretical frameworks that guide the professional Psychology's practices. This psychological approach brings in its philosophical base mentions to Zen Buddhism, Taoism and the Eastern Thought and was founded with the help of some thinkers, specially Frederick ("Fritz") Perls. The objective of this study was to investigate the issue of spirituality/religiosity in Gestalt therapy from two routes: the first visiting the writings of Fritz Perls; the second investigating with Brazilian Gestalt therapists how they comprehend this topic. The research in Perls' works was done systematically. Perls' five works were read chronologically, respecting the years of the original publications in order to make an archeology of his understanding of spirituality/religiosity. For the second part of the research, it was built a self-managed online questionnaire about spirituality. The instrument was composed by "Core Dimensions of Spirituality" questionnaire, adapted to Portuguese by the authors, and other questions. After approval by the Research Ethics Committee, the questionnaire was available online. 198 Brazilian Gestalt therapists from every Brazil zone participated on this study. Regarding the analysis in the production of Perls can be said that in his last works there seems to be an opening to discuss spirituality as something that makes up human existence, although his writings were initially strongly marked by intolerance to issues related to the transcendent, comprising them as neurosis products. It was revealed on data from respondents a rather broad understanding of spirituality, encompassing transcendent and immaterial aspects, even a worldly understanding, body, this factor as part of human existence. There was conceptual difficulty for participants to understand the difference between spirituality and religiosity. At the end of this essay it was made a reflective twists approaching the two surveys, weaving up final considerations and opening up prospects for further research.

Keywords: Gestalt therapy, Spirituality/Religiosity, Fritz Perls, Gestalt therapists

SUMÁRIO

Introdução	11
CAPÍTULO 1	17
O Tema Espiritualidade/Religiosidade nos Escritos de Fritz Perls	17
Introdução	18
Delineando as figuras no campo: religiosidade e espiritualidade na Psicologia	20
Método	25
Resultados e discussão	26
Fechando/Abrindo “gestalten”: algumas considerações	35
Referências	38
CAPÍTULO 2	42
Espiritualidade/Religiosidade para Gestalt-terapeutas brasileiros: um estudo exploratório.....	42
Método de investigação	46
Participantes	48
Instrumento	50
Resultados	51
Discussão	56
Considerações finais	66
Referências	67
ENTRELAÇAMENTOS E REFLEXÕES	71
Apêndices	77
Apêndice I - Imagens utilizadas nas mensagens-convites enviadas aos participantes	77
Apêndice II – Perguntas do questionário <i>online</i>	78
Apêndice III – Questionário “Core Dimensions of Spirituality” adaptado	79
Apêndice IV – Autorização do uso do questionário via e-mail	80
Apêndice V – Respostas para a pergunta “Como você define espiritualidade?”	81

Introdução

Fritz Perls propôs a Gestalt-terapia formalmente em 1951 com a publicação da obra “Gestalt Therapy: Excitement and Growth in the Human Personality” com coautoria explícita de Paul Goodman e Ralph Hefferline, e implícita de pessoas como sua esposa Laura Perls entre outros pensadores. O que justifica discutir este corpo teórico após seis décadas de seu surgimento formal?

Em primeiro lugar, avaliar criticamente os fundamentos epistemológicos e conceituais de qualquer base de pensamento precisa ser uma tarefa permanente a fim de se garantir a atualização de seus arcabouços teóricos e técnicos possibilitando seu desenvolvimento enquanto saber. Nessa direção, Santos (1989, p.49) faz uma crítica à forma como a ciência moderna tornou-se obcecada por métodos e “certezas” sem refletir sobre os impactos que estes geram em indivíduos e na sociedade, propondo uma “hermenêutica da epistemologia” como forma de super esse impasse.

Além de uma reflexão epistemológica crítica, outra justificativa para pensar o corpo teórico-prático da Gestalt-terapia se dá pelo fato de que o contexto no qual Fritz Perls estava inserido, com a hegemonia da Psicanálise e das Psicologia Comportamentais, provavelmente o fez se debruçar muito mais sobre os fundamentos desta abordagem (Psicologia da Gestalt, *Awareness*, Limites de contato, Aqui-agora, Mecanismos de Evitação e afins), que a escrever sobre temáticas específicas como a que circunscrevemos aqui: a espiritualidade/religiosidade.

O tema espiritualidade/religiosidade emergiu como interesse a partir da experiência que tive em estágio curricular no qual realizei atendimentos no setor do necrotério de um hospital, atuando com pessoas em processo de enlutamento e perda. Percebi que a temática da espiritualidade comparecia com bastante frequência nos discursos dos clientes/pacientes e questionei-me qual a compreensão que o referencial teórico com o qual atuava, e ainda atuo, a Gestalt-terapia, possuía acerca da relação com o transcendente. Como afirmou Marília Ancona Lopez (2009)¹, o pesquisador antes de tudo precisa ser alguém curioso. Motivado por esta indagação, e esperando contribuir com a produção de conhecimento nesta área, propus esta pesquisa.

¹ Fala proferida durante comunicação oral da Profa. Dra. Marília Ancona Lopez na I Semana Científica da Faculdade de Psicologia da UFPA, 22/09/2009.

A árdua tarefa de tentar definir os termos “espiritualidade”, “religiosidade”, “religião” ou ainda “espiritualidade/religiosidade” foi realizada por diversos autores das áreas de Ciências da Religião, Psicologia da Religião e áreas correlatas. Pargament (2007, p.30) discute como há uma relação direta entre os termos religiosidade e espiritualidade, afirmando que há uma incompreensão conceitual quando alguns pesquisadores das áreas de saúde mental e ciências sociais polarizam “religiosidade” como algo “ruim” e “espiritualidade” como algo “bom”. O autor afirma ainda que a espiritualidade não deve ser explicada separadamente de conceitos como o de religião e religiosidade, teorizando que a Psicologia deveria considerá-la como uma “dimensão elevada do potencial humano”.

Em definição objetiva, Pargament (2007, p.32) afirma que compreende “espiritualidade como a busca pelo sagrado”. Como requisito de uma construção científica, havendo a necessidade de recortes e delimitações conceituais claras, optei por uma aproximação com essa compreensão do autor, destacando a necessidade mútua dos conceitos, porém optei por englobar a dimensão de religiosidade e religião no termo espiritualidade ou espiritualidade/religiosidade, não me atendo especificamente a essa discussão conceitual.

No Brasil, a interface entre Espiritualidade e Gestalt-terapia já foi explorada por alguns pesquisadores como Jorge Ponciano Ribeiro, Ênio Brito Pinto, Roberto Peres Veras e alguns outros. Contudo, o trabalho proposto aqui adota um enfoque diferente dos anteriores. O objetivo geral foi investigar a compreensão da espiritualidade na Gestalt-terapia a partir de duas vias principais, a primeira analisando os escritos de Fritz Perls de 1942 a 1973 – período em que suas obras foram publicadas e o seu sistema teórico refinado com a apropriação de alguns conceitos – e a segunda, em campo, levantando como Gestalt-terapeutas brasileiros compreendiam o que era espiritualidade e perguntando-lhes se temáticas vinculadas à espiritualidade já haviam comparecido em suas práticas clínicas.

A estrutura dissertativa escolhida para alcançar esse objetivo foi organizada em formato de dois artigos científicos e uma seção final com algumas considerações inter-relacionando as duas pesquisas. Assim, dois caminhos principais foram traçados para criar essa discussão: um caminho teórico, com análise das obras de Perls – compondo o artigo/capítulo 1 – outro empírico, a partir de pesquisa de campo com Gestalt-terapeutas brasileiros, compondo o artigo/capítulo 2.

Para o primeiro artigo, foram lidas as cinco obras de Fritz Perls: *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), *Gestalt-terapia* (1951/1997), *Gestalt-terapia explicada* (1969/1977), *Escarafunchando Fritz: Dentro e Fora da Lata de Lixo* (1969/1979) e *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia* (1973/1988). As leituras foram feitas respeitando a cronologia dos anos de publicações dos originais e seguindo a metodologia de análise de conteúdos (Bardin, 1977).

Vale contextualizar brevemente cada um de seus trabalhos. A obra *Ego, Fome e Agressão* foi o primeiro trabalho de Perls, com coautoria de sua esposa Laura Perls em alguns capítulos. O livro possuía o subtítulo “Uma revisão da teoria e do método de Freud”, marcando claramente a posição do autor ainda como psicanalista. Após uma apresentação frustrada de seu trabalho no Congresso Internacional de Psicanálise na Checoslováquia em 1936 (Perls, 1969/1979, p.51), no qual apresentou a sua teoria de resistências orais, Perls inicia o seu rompimento com a psicanálise e passa a pensar um outro sistema teórico que viria a ser a Gestalt-terapia.

Na obra de 1951, *Gestalt-terapia*, como mencionado anteriormente, a teoria da abordagem gestáltica é proposta formalmente e de maneira sistemática, já em solo estadunidense, com um volume teórico e outro prático, apresentando à Psicologia um referencial teórico-prático que se aproximava da chamada Terceira Força da Psicologia, com as psicologias humanistas.

A terceira, *Gestalt-terapia Explicada*, e a quarta obra, *Escarafunchando Fritz*, foram escritas/organizadas concomitantemente por Perls, inclusive chegam a apresentar parágrafos exatamente iguais em alguns trechos. A obra *Gestalt-terapia Explicada* está dividida em duas partes, uma parte inicial com transcrições de comunicações orais de Perls, nas quais é dado um destaque à teoria gestáltica, e outra com transcrições de atendimentos psicoterapêuticos realizados por ele, em que o foco é dado na prática gestáltica.

Escarafunchando Fritz é sua obra autobiográfica, a qual Perls se propôs a “escrever livremente” se concentrando no que era escrito e falando sobre isso no próprio texto. Esta obra torna-se ligeiramente confusa em alguns pontos por não apresentar tópicos nem sessões específicos, assim muitas discussões teóricas são iniciadas, porém findam sem conclusão. Nesta obra encontram-se ainda alguns poemas de Perls e diversas ilustrações de Russ Youngreen. Kripal (2007) discorre sobre a chegada de Perls em Esalen e afirma que a obra *Escarafunchando Fritz* foi escrita, sem numeração nas páginas, por cerca de três meses enquanto Perls residia por lá. A ideia de não por numeração, segundo Kripal (2007), baseava-se na convicção de Perls de que “o segredo para um insight era a concentração no aqui e agora, não em uma série de passados e no

futuro” (p.158, tradução nossa). Esta afirmação de Kripal nos ajuda a entender um pouco a confusão apresentada nestes escritos.

A quinta e última obra, *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia*, é uma compilação póstuma de escritos e atendimentos de Perls organizada por Robert Spitzer e Richard Bandler. No prefácio da obra, Spitzer (1973/1988) conta que Perls estava trabalhando no livro e confiou o material a ele para posterior publicação. Spitzer esclarece ainda que “*A Abordagem Gestáltica* pode ser lida livremente. Também serve de introdução à *Testemunha Ocular da Terapia*” (1973/1988, p.8), indicando que se trata de dois trabalhos diferentes reunidos em um só. Há uma indicação no prefácio de que mais dois volumes seriam lançados com transcrições de atendimentos de Perls, porém isto não aconteceu.

Durante a leitura destas cinco obras, destacamos os trechos que mencionavam temas vinculados à espiritualidade e em seguida os categorizamos. O critério para seleção dos excertos era mencionar explicitamente termos como “Deus”, “religião”, “alma”, “espírito”, “zen”, “budismo”, “transcendente” e palavras afins a estas. O método mais aprofundado, estas categorias e suas respectivas análises compõem o primeiro artigo/capítulo deste trabalho intitulado “O tema espiritualidade/religiosidade nos escritos de Fritz Perls”.

Para o segundo artigo, foi construído um formulário *online* que continha o questionário autogerenciado “Core Dimensions of Spirituality” (Hardt et al., 2012) – Dimensões Fundamentais da Espiritualidade (*tradução nossa*), adaptado ao português por nós, incluindo-se outras perguntas sociodemográficas e questões abertas. Escolhemos este questionário por ele apresentar quatro dimensões da espiritualidade em 20 itens, favorecendo o alcance do objetivo proposto anteriormente.

Por se tratar de pesquisa com seres humanos, e a fim de garantir as questões éticas ligadas a esta, o projeto foi previamente submetido ao Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal do Paraná e aprovado gerando o CAAE 31117314.4.0000.0102.

Para convidar os participantes foi utilizada a internet por cinco meios principais: 1) a lista de e-mails do Grupo GTBR – Gestalt-terapia Brasil (gtbr@googlegroups); 2) os e-mails cadastrados no Site GTBR (www.gestaltbrasil.blogspot.com); 3) a rede de contatos dos pesquisadores; 4) a página virtual Literatura Gestáltica e 5) redes sociais virtuais. Em todos estes meios o contato era feito ora via e-mail e ora via publicação/divulgação, convidando Gestalt-terapeutas brasileiros a participarem da pesquisa.

Participaram do estudo, 198 psicólogos Gestalt-terapeutas brasileiros das cinco regiões do Brasil. A amostra foi composta por 168 informantes do sexo feminino e 30 do sexo masculino, com predominância nas regiões Sul (33%) e Sudeste (32%). Quanto ao tempo de formação, os dois estratos da amostra com maior frequência foram: 45% com menos de 5 anos de formação e 25% com formação entre 5 e 10 anos. O método mais detalhado, os resultados e as respectivas análises destes dados compõem o segundo artigo/capítulo, “A noção de espiritualidade entre Gestalt-terapeutas brasileiros: um estudo exploratório”.

Devido ao formato dissertativo escolhido, cada seção apresenta ao final as suas respectivas referências bibliográficas. Ao final deste trabalho há uma seção na qual são feitos entrelaçamentos reflexivos acerca das duas pesquisas.

Referências

- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Hardt, J. , Schultz, S. , Xander, C. , Becker, G. & Dragan, M. (2012). The Spirituality Questionnaire: Core Dimensions of Spirituality. *Psychology*, 3, 116-122. doi: 10.4236/psych.2012.31017.
- Kenneth, I. P. (2007). *Spiritually integrated psychotherapy: Understanding and addressing the sacred*. New York: Guilford.
- Kripal, J. J. (2007). *Esalen: America and the Religion of No Religion*. Chicago: University of Chicago Press.
- Pargament, K. I. (2007). *Spiritually Integrated Psychotherapy: Understanding and Addressing the Sacred*. New York: Guilford Press.
- Perls, F. (1977). *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo: Summus. (Original publicado em 1969)
- Perls, F. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus. (Original publicado em 1969).
- Perls, F. (1988). *A abordagem Gestáltica e testemunha ocular da terapia* (2a ed.). Rio de Janeiro: LTC (Original publicado em 1973).
- Perls, F. (2002). *Ego, fome e agressão*. São Paulo: Summus. (Original publicado em 1942).
- Perls, F.; Hefferline, R., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia* (2a ed.). São Paulo: Summus (Original publicado em 1951).
- Santos, B. S. (1989). *Introdução a uma ciência pós-moderna*. Rio de Janeiro: Graal.

Spitzer, R. S. (1988). Prefácio. In: Perls, S. *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia* (p. 7-9). Rio de Janeiro: Editora LTC (Original publicado em 1973).

CAPÍTULO 1

O Tema Espiritualidade/Religiosidade nos Escritos de Fritz Perls²

Lázaro Castro Silva Nascimento
Adriano Furtado Holanda

Resumo

A compreensão de uma Gestalt-terapia que se aproxime de temáticas como a espiritualidade/religiosidade tem sido buscada por alguns praticantes e pesquisadores contemporâneos. Estas compreensões, porém, parecem ignorar posicionamentos de um de seus expoentes, Fritz Perls. O objetivo deste ensaio foi buscar na literatura gestáltica perlsiana substratos que elucidem a questão da espiritualidade/religiosidade. O método utilizado foi a análise de conteúdo de Laurence Bardin, sendo analisadas as obras escritas por Perls de 1942 a 1973. Nas obras iniciais foi possível perceber fortemente uma postura de intolerância religiosa. Nesse período inicial, o autor possuía um olhar psicopatologizante sobre concepções como Deus ou religião, considerando a crença em entidades transcendentais como neurose projetiva. Comparava a psicanálise à religião. Criticava religiões judaico-cristãs como produtoras de retroflexões. Apesar disso, Perls reconheceu o fator espiritual enquanto não-religioso, mas como abertura à existência, inclusive pensando Esalen como uma colônia espiritual. Nas últimas obras, já afirmava que sua aproximação com o Zen o havia possibilitado experimentar uma religião sem necessidade de Deus. Foi possível concluir que há aberturas a perspectivas diversas relacionadas ao tema espiritualidade/religiosidade na Gestalt-terapia, especialmente nas concepções finais de Perls. Estudos nessa direção são importantes para ressignificar posições teóricas e refletir acerca da prática gestáltica.

Palavras-chave: espiritualidade/religiosidade; literatura gestáltica; Fritz Perls

The Theme Spirituality/Religiosity in Fritz Perls' Writings (1942-1973)

Abstract

The understanding of a Gestalt Therapy approaching topics such as spirituality / religiosity has been searched by some practitioners and contemporary researchers. These understandings, however, seem to ignore the positions of one of its exponents, Fritz Perls. The purpose of this essay is to look at the Perls' gestalt literature substrates to elucidate spirituality / religiosity theme. The method used was the content analysis of Laurence Bardin used to analyze the works written by Perls from 1942 to 1973. In his initial works could be strongly perceived an attitude of religious intolerance. In this initial period, the author had a psychopathologizing look at concepts as God or religion, considering the belief in transcendent entities as projective neurosis. Perls used to compare psychoanalysis to religion. He also used to criticize Judeo-Christian religions as retroreflections producers. Nevertheless, Perls recognized the spiritual factor as non-religious, but as openness to life, including thinking Esalen as a spiritual colony. In his recent works, he has said that his approach to the Zen experience had made possible a religion without God. It was concluded that there are openings to various perspectives related to the question of spirituality / religiosity in Gestalt therapy, especially in the final conceptions of Perls. Studies in this direction are important to reframe theoretical positions and reflect on the gestalt practice.

Keywords: spirituality / religiosity; gestalt literature; Fritz Perls

El Tema Espiritualidad/Religiosidad en los Escritos (1942-1973) de Fritz Perls

Resumen

La comprensión de una Terapia Gestalt acerca de temas como la espiritualidad/religiosidad se ha sido buscada por algunos psicoterapeutas e investigadores contemporâneos. Estos entendimientos, sin embargo, parecen ignorar las posiciones de uno de sus exponentes, Fritz Perls. El objetivo de este artículo fue buscar los sustratos en la literatura gestalt perlsiana acerca de la cuestión de la espiritualidad/religiosidad. El método utilizado fue el análisis de contenido de Laurence Bardin para analizar las obras escritas por Perls de 1942 a 1973. En los trabajos iniciales podría ser

² O artigo apresentado aqui segue normatização da APA como solicitado pela Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia (UERJ) à qual foi submetido e encontra-se em fase de avaliação.

fuertemente percibir una actitud de intolerancia religiosa. En este período inicial, el autor tenía una mirada psicopatologizante en conceptos como Dios o la religión, considerando la creencia en entidades trascendentes como neurosis proyectiva. Psicoanálisis en comparación con la religión. Perls criticaba las religiones judeo-cristianas como productoras de retroflexiones. No obstante, Perls reconoció el factor espiritual no religioso, sino como apertura a la vida, incluyendo el pensamiento de que Esalen podría ser como una colonia espiritual. En trabajos recientes, Perls ya dijo que su acercamiento a la experiencia Zen había hecho posible una religión sin Dios para él. Se concluyó que hay aberturas a diversas perspectivas relacionadas con la cuestión de la espiritualidad / religiosidad en la terapia Gestalt, especialmente en las concepciones finales de Perls. Los estudios realizados en este sentido son importantes para replantear posiciones teóricas y reflexionar sobre la práctica de la gestalt.

Palabras-clave: espiritualidad/religiosidad; literatura gestalt; Fritz Perls

Introdução

Existem, atualmente, diversas perspectivas e percepções de objeto que orientam a prática da Psicologia, vinculadas à questão da espiritualidade/religiosidade, e estas se desdobram em abordagens psicoterapêuticas com fazeres e teorias bastante diversos. No contexto dessa diversidade encontra-se a Gestalt-terapia (GT), conhecida por trazer em seu escopo teórico-filosófico menções à Filosofia Oriental, como Zen-budismo e Taoísmo; uma orientação holística, seguindo a proposição de Jan Smuts; um olhar existencialista a partir de Kierkegaard e outros; além da proposta dialógica de Martin Buber entre outras tantas teorias que parecem tocar, direta ou indiretamente, a questão em tela. Por exemplo, Perls (1973/1988) – em *“A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia”* – refletiu sucintamente sobre a questão dos rituais e de um “sentimento religioso de existência intensificada” (p.43) advindo destes. Esse e outros trechos de suas obras analisadas neste trabalho abrem o horizonte para o questionamento “quais as posições de Fritz Perls quanto ao tema espiritualidade/religiosidade”, que refletem nas posições atuais da Gestalt-terapia?

Holanda (2005), em uma tentativa de refletir acerca de uma Epistemologia da Gestalt-terapia, aponta inconsistências teóricas e lacunas presentes na compreensão desta abordagem psicológica, afirmando que uma possível solução para isto seria “reiterar nossa defesa de uma

“arqueologia” da Gestalt-Terapia como forma de suprir, essas lacunas, e ainda, como um modo de resgatar sua singularidade, e o peso de legados por vezes menosprezados” (p.40).

Levando em conta esta indicação de Holanda (2005) para uma arqueologia no sentido de “retorno às origens”, este trabalho objetiva buscar na literatura gestáltica perlsiana substratos que elucidem a questão da espiritualidade/religiosidade, sendo os escritos do próprio Perls a fonte primária de pesquisa. Além deste material, foi utilizada a produção bibliográfica de outros Gestalt-terapeutas para complementar a fundamentação teórica e a composição de alguns contrapon-tos.

Como afirma Frazão (1997), Fritz Perls é conhecido por ser o “pai” da Gestalt-terapia, sendo cofundador desta abordagem com diversos outros pensadores, como Laura Perls (sua esposa), Paul Goodman, Isadore From, entre outros³. Apesar de sua proposta ser reconhecida como inovadora em vários aspectos, com um olhar que “propõe um reconhecimento da alteridade e, portanto, uma valorização dos aspectos relacionais da condição humana” (Holanda, 2014, p.173), Perls não produziu muitos trabalhos teóricos. Sua obra é breve, possuindo apenas os livros estudados nesse ensaio, algumas publicações curtas em outras obras e vídeos com seus workshops. Como reconhecido fundador primordial da Gestalt-terapia, foram escolhidas as suas publicações para estudo.

Antes destas análises, porém, achamos ser necessário proporcionar um fundo teórico mi-nimamente consistente quanto às noções de espiritualidade/religiosidade que estamos utilizando.

³ Referimo-nos, aqui, ao chamado “Grupo dos Sete”, formado por Fritz e Laura Perls; Paul Goodman; Isadore From; Paul Weisz; Elliot Shapiro e Sylvester Eastman, constituído em 1950.

Delineando as figuras no campo: religiosidade e espiritualidade na Psicologia

As discussões acerca de sistemas religiosos e da espiritualidade são comumente negligenciadas nos espaços de formação em Psicologia (Dalgalarrodo, 2008; Pinto, 2009; Vergílio & Holanda, 2010), tendo sido historicamente conduzidas a partir de um olhar psicopatologizante ou “negativo” por diversos teóricos, a exemplo de Freud (1927/1996). É necessário repensar essa exclusão do tema espiritualidade/religiosidade na Psicologia e na psicoterapia? Minha experiência enquanto psicólogo clínico aponta para uma resposta afirmativa, uma vez que é recorrente que temas que se remetam à espiritualidade/religiosidade compareçam nos discursos de clientes em atendimento. Para o campo da psicoterapia e da saúde, pensamos que essa reflexão se mostra importante, uma vez que, com o passar dos anos, mais e mais estudiosos apontaram a espiritualidade/religião como uma forma possível para lidar com o sofrimento (Pargament, 1997; Panzini & Bandeira, 2007, Esperandio, 2014) e como forma de atribuir sentido à própria existência (Fry, 2000).

Nessa direção, Genaro Junior (2011) afirma que é comum o surgimento do tema espiritualidade em Psicologia Clínica em pelo menos duas situações: quando se está frente a problemas diversos ou mesmo pela própria condição humana:

Tais aspectos ganham maior visibilidade quando nos deparamos na clínica como, por exemplo, situações limites, de adoecimento ou até mesmo com o advento do envelhecimento em que um “balanço existencial” acaba se tornando inevitável a despeito de crenças religiosas. Mas também percebemos esse movimento por busca pela transcendência na vida cotidiana das pessoas – como faceta fundamental da própria condição humana.

(p.37)

Uma justificativa que é comumente utilizada por profissionais da área para a exclusão do tema espiritualidade/religiosidade em Psicologia é a compreensão de um caráter laico dado a esta ciência. Esta laicidade, porém, não significa de maneira alguma a exclusão dos fenômenos espirituais/religiosos como objetos de estudo psicológico. Verona (2013), ex-presidente do Conselho Federal de Psicologia, esclareceu esta ideia: “Pautar-se na obrigatoria laicidade não implica negar uma interface que pode ser estabelecida pela Psicologia e a religião, e pela Psicologia e a espiritualidade”. Mesmo assim, é comum haver contradições e incompreensões na apropriação do fenômeno religioso ao contexto das práticas psicológicas, nos mais diversos contextos, seja por uma defesa excessivamente arraigada – e nem sempre criteriosa ou embasada – desta laicidade; seja numa crítica igualmente ampla à aproximação de aspectos religiosos ao campo *psi*, como temos nos casos de algumas Comunidades Terapêuticas que utilizam doutrinas religiosas como parte do tratamento, por exemplo.

Além disso, é preciso minimamente tocar no ponto da formação do psicólogo neste aspecto. Giovanetti (1999) afirma que devido a “falhas” na formação de Psicólogos, o tema da religião costuma ser ignorado por estes, advertindo que, uma alternativa para resolver este impasse seria o profissional em Psicologia “procurar entender o que é o psicológico na vivência de uma religião, para assim, compreender melhor a existência de seu cliente, e ajudá-lo a integrar melhor os diversos aspectos de sua vida” (p.88-89). Ainda no que tange à formação, acreditamos que disciplinas relacionando psicologia e religião, poderiam ser incluídas na maioria das instituições de ensino superior, possibilitando uma reflexão acerca desses temas ao longo do percurso curricular de graduandos em Psicologia. Diante do exposto, fica evidente a necessidade de reafirmar a importância de uma interface entre a Psicologia e a Espiritualidade/Religiosidade. No Brasil, este

trabalho vem sendo feito desde 1998 pelo Grupo de Trabalho em Psicologia e Religião da AN-PEPP (Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia).

Nesse sentido de aproximação entre Psicologia e espiritualidade/religiosidade, Macedo, Fonseca & Holanda (2007) afirmam que “tanto a Psicologia quanto a espiritualidade podem ser entendidas como dois universos simbólicos que usam conceitos diferentes para descrever um processo bem parecido: a construção, a percepção ou a criação de significados” (p.210). Isso não significa dizer que não haja especificidades e delineamentos em ambas, antes disso, reconhecer estas delimitações nos auxilia no processo de uma compreensão que ora as aproxima, e ora as afasta.

E no que tange à atuação do psicólogo/psicoterapeuta, qual a importância de pensar estes processos no contexto da psicologia clínica? Peres, Simão & Nasello (2007) citam pesquisas que investigaram as dificuldades vivenciadas por psicólogos clínicos ao incluírem a temática da espiritualidade/religiosidade em seu fazer. Entre os resultados, os participantes mencionaram a dificuldade em delimitar os conceitos de espiritualidade e religiosidade para inseri-los na prática psicoterapêutica. Pargament (1997) discorre sobre esses conceitos e amplia a discussão propondo a ideia de *coping* religioso como uma forma de enfrentamento de situações difíceis a partir da religiosidade. O autor aponta ainda como estas conceituações – religião, religiosidade, espiritualidade e espiritualidade/religiosidade – não possuem consenso dentro da psicologia da religião ou mesmo das ciências da religião, afirmando que:

A psicologia tradicional diz que a busca religiosa é ilusória, sendo a espiritualidade, na verdade, uma expressão de motivos psicossociais e desejos fundamentais. A religião tra-

dicional rebate que a psicologia substituiu o transcendente pelo *self* e, assim, elevou o humano ao nível dos deuses (Pargament, 1997, p.45).

Vale destacar quão diversas e amplas são as definições e compreensões acerca dos termos espiritualidade, religiosidade e religião, ou ainda espiritualidade/religiosidade. A religião, por exemplo, parece ser pensada por James (1902) a partir de um olhar por vezes mais organicista: “A religião é uma reação biológica. (...) Um questionamento sobre a existência de um poder maior” (p.5). Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Koenig (2006) trazem uma conceituação diferente de James, ampliando a concepção de religião como proveniente de diversos fatores: “A religião é um fenômeno multidimensional e nenhum ato isolado pode explicar suas ações e consequências”. Enquanto Starbuck (1901) a compreende como “um fato real da experiência humana, e se desenvolve de acordo com leis específicas. Embora essas leis sejam peculiares à sua própria esfera, e não precisem se equiparar com as da física, química, e assim por diante, no entanto, os fatos têm uma ordem que, com o conhecimento adequado, pode ser verificada” (p.16).

Entre os diversos trabalhos que se ocuparam destas definições, vale mencionar ainda o de Zinnbauer, Pargament & Scott (1999) que se debruça especificamente sobre as diversas conceituações entre espiritualidade e religiosidade, considerando a complexidade do tema. Uma das compreensões apresentadas pelos autores sobre espiritualidade afirma que esta “tem a ver com os caminhos que as pessoas utilizam no sentido de encontrar, preservar e transformar o sagrado em suas vidas” (p. 909), destacando a noção de sagrado. Neste sentido, Worthington e Aten (2009) corroboram a ideia dos autores acima e afirmam que a espiritualidade “é um sentimento de proximidade e conexão com o sagrado, estimulando uma sensação de intimidade e gerando sentimentos que incluem respeito e admiração” (p.124). Worthington e Aten (2009) subdividem ainda

a espiritualidade em quatro dimensões: religiosa, humanista, natural e cósmica (p.124). Depreendem assim que a busca pelo sagrado pode estar ligada à crença em Deus ou poderes superiores (espiritualidade religiosa) ou não, como nos casos em que se contempla um relacionamento com alguém (espiritualidade humanista) ou a beleza da natureza (espiritualidade natural), por exemplo.

Apesar de reconhecermos a similaridade dos conceitos e momentos em que ambos se aproximam, daremos preferência para utilização da expressão espiritualidade/religiosidade, como uma compreensão mais ampla, ou apenas espiritualidade, uma vez que como apontado por Worthington e Aten (2009), é possível circunscrever dentro desta noção tanto algo vinculado com a religião/religiosidade como com a busca pelo sagrado em outras vias.

Finalizando esta proposta de reflexão conceitual inicial, antes de nos desdobrarmos sob as análises das obras perlsianas, é importante ressaltar que uma postura que envolva espiritualidade/religiosidade de forma rígida pode trazer malefícios. Koenig, McCullough e Larson (2001, p.227), ao pensar questões ligadas à religião e à saúde mental, afirmam que a religião pode trazer uma rigidez de pensamento, culpa excessiva ou mesmo ser utilizada como ferramenta para julgar pessoas e atitudes. Peres, Simão e Nasello (2007) também comentam sobre este possível aspecto negativo, afirmando que “os efeitos negativos da religião estão no exercício para manter a conformidade e a promoção de um controle externo” (p.143). Isso sinaliza a importância de uma postura aberta e compreensiva frente ao fenômeno espiritual/religioso sem pré-julgamentos frente aqueles que os experienciam.

Delineadas algumas figuras conceituais acerca do tema espiritualidade/religiosidade, seguiremos com o método do estudo e as análises do material estudado.

Método

Para a construção deste trabalho utilizamos a metodologia da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977). A autora afirma que “a análise de conteúdo procura compreender aquilo que está por trás das palavras às quais se debruça” (p.44). Segundo Bardin (1977, p.30), a análise de conteúdo possui duas funções: uma função heurística, com foco na exploração e na descoberta; e uma função de “administração de prova”, construindo e verificando hipóteses. Bardin (1977, p.98) afirma ainda que nem sempre é necessário que haja hipóteses para a construção de uma análise. Propondo-nos a adotar uma postura o mais próximo possível de uma compreensão fenomenológica, de olhar o fenômeno evitando pré-concepções sobre este, optamos pela tarefa de não formular hipóteses nessa investigação, assim adotamos a função heurística da análise de conteúdo, buscando explorar os dados encontrados. Enquanto caminhos metodológicos, a análise de conteúdo é desenvolvida em três etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) inferência e interpretação dos resultados (p.95).

Nesta pesquisa debruçamo-nos sobre as obras⁴ de Fritz Perls escritas entre 1942 e 1973, investigando o tema da espiritualidade/religiosidade em seus escritos. A *pré-análise* foi composta pela escolha dos documentos e pela leitura flutuante. As obras escolhidas foram: *Ego, Fome e Agressão* (1942/2002), *Gestalt-terapia* (1951/1997), *Gestalt-terapia explicada* (1969/1977), *Escarafunchando Fritz: Dentro e Fora da Lata de Lixo* (1969/1979) e *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia* (1973/1988) seguindo as regras propostas pela autora: exaustividade, representatividade, homogeneidade e pertinência. Destacamos que o material de análise foi apenas a composição teórica das obras de Perls, assim, as transcrições de atendimentos psicote-

⁴ Helou (2013) comenta sobre outros dois livros em que há artigos escritos por Perls: “Gestalt is” (1975) no Brasil publicado como “Isto é Gestalt” e “From Planned Psychotherapy to Gestalt Therapy” (2012) sem tradução para o português. Esses dois trabalhos não compuseram o ensaio aqui apresentado.

rapêuticos realizados por ele, presentes nas obras “Gestalt-terapia Explicada” e “A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia” não foram analisadas neste trabalho.

Durante as leituras destacamos excertos que apresentassem – direta ou indiretamente – uma discussão de questões ligadas à espiritualidade/religiosidade. Foram considerados aqueles trechos que continham palavras como *Deus, religião, espiritualidade, alma, fé*, menções à filosofia oriental – como *satori, zen e ku* – e a concepções judaico-cristãs, como as noções de *pecado, céu e inferno* e afins.

A fase de *exploração do material* foi composta pela categorização do material levantado. Para categorizar os dados, Bardin propõe duas possibilidades: categorias “caixas” - estabelecidas com base num corpo de hipóteses preconcebido - e categorias “milhas”, construídas ao longo do contato com o material. Optamos pela segunda forma. Nesta fase, os excertos previamente destacados foram relidos e reagrupados em sete (7) categorias: 1) *pensamento e filosofias orientais*; 2) *Psicanálise como religião*; 3) *o tema alma*; 4) *religião como repressora da agressão*; 5) *religião e Deus como geradores de retroflexão e problemas à humanidade*; 6) *culpa e cristianismo*; e 7) *abertura à espiritualidade na Gestalt-terapia*.

Como terceira, e última, etapa do método foram realizadas as inferências e interpretações, aqui apresentadas na seção seguinte com resultados e discussão.

Resultados e discussão

Ao longo da leitura das obras foi possível perceber, de maneira global, uma mudança da postura de Perls em relação ao tema da espiritualidade/religiosidade. Inicialmente sua postura era marcada por críticas permanentes a qualquer crença na noção de Deus ou em dogmas religiosos, sendo posteriormente substituída e passando a considerar experiências religiosas. Há também um amadurecimento da sua proposta gestáltica, trazendo alguns conceitos de forma mais clara em

sua última obra. Nos escritos *Ego, Fome e Agressão (EFA)* e *Escarafunchando Fritz: Dentro e Fora da Lata de Lixo (EsF)*, a temática da espiritualidade/religiosidade é mais presente. Enquanto que em *Gestalt-terapia (GTh⁵)*, *Gestalt-terapia Explicada (GTE)* e em *A Abordagem Gestáltica e Testemunha Ocular da Terapia (AGTOT)*, a temática é mais sutil.

Apesar das obras possuírem muitas críticas a esse tema, parece haver uma abertura em algumas delas. Em *EFA*, ainda há um discurso fortemente marcado por uma postura psicopatologizante e ácida quanto a questões vinculadas ao campo espiritual: “Deus, por exemplo, é uma projeção dos desejos de onipotência do homem” (1942/2002, p.231). Essa postura, próxima à compreensão psicanalítica freudiana, talvez se justifique pela própria proposta de Perls em fazer uma revisão da teoria e do método de Freud neste livro. Ao passo que em *EsF*, 27 anos após a asserção mencionada anteriormente, já há uma postura de questionamento: “Será que existe um Deus, uma alma permeando o corpo e se encarregando de todas as exigências e metas, com sabedoria infinita?” (1969/1979, p.69).

Esse caminho de abertura aos temas vinculados à espiritualidade/religiosidade também é explicitado em trechos de *AGTOT* nos quais Perls discute sobre a possibilidade de todo ser humano ter uma tendência inata para o ritual (1973/1988, p.42). Afirma que estes rituais dão “ordem, forma e objetivo” (p.43) a uma série de experiências que não teriam sentido sem eles, como a morte. Ainda nesta última obra, publicada postumamente, Perls chega a falar da possibilidade do sentimento religioso trazer uma sensação de integração e de exaltação (p.43), possibilitando uma confluência e um sentimento de pertencimento nas pessoas que o vivenciam (p.51). Quando se refere à confluência neste trecho, Perls sinaliza que há um distúrbio neurótico apenas quando esta é crônica e o indivíduo perde a noção de si e do mundo.

⁵ Foi utilizada a abreviação “GTh” em menção ao título original - “Gestalt Therapy” - da obra *Gestalt-terapia* (1951/1997) de Perls, Hefferline e Goodman, para evitar uma possível confusão do leitor com a sigla “GT” utilizada para se referir à Gestalt-terapia durante deste artigo.

Destacamos como primeira categoria **o pensamento e filosofias orientais**. Apesar de ser comum uma vinculação “natural” da Gestalt-terapia com o pensamento e as filosofias orientais, Perls parece ter se apropriado de maneira superficial destes conceitos, buscando correlatos com aqueles já existentes em sua base teórica. A exemplo disso, citamos a aproximação do pensamento diferencial de Friedlander e o Zen-budismo. No pensamento diferencial havia a ideia de um “ponto zero”, chamado de indiferença criativa, que se diferenciaria em dois extremos opostos (matematicamente -1 e 1), porém apresentando semelhanças entre si (como os polos raiva-alegria). Perls (1942/2002, p.45-46) acreditava que a compreensão desses opostos possibilitaria uma compreensão melhor do organismo. Sendo este ponto zero uma conceituação semelhante ao “caminho do meio” e as polaridades presentes na filosofia do zen-budismo.

Veras (2005) discute como Perls aproximou o pensamento de Friedlander à filosofia oriental. O autor afirma, por exemplo, que: “o conceito de vazio fértil, um vazio fecundo de possibilidades e criatividade constantemente utilizado por Perls, surge desta ligação entre as concepções do Zen e de Friedlander” (p.14).

Destacamos ainda que em *EFA* há apenas um pequeno trecho com menções ao Wu Gi chinês e ao “*tahu wawohu*” (p.50), quando Perls faz um comentário sobre a compreensão oriental de criação do mundo a partir da noção de Yin e Yang. Perls teve um contato mais intenso com a cultura oriental apenas após sua saída da África do Sul (Tellegen, 1984, p.32; Helou, 2013, p.141). Em *GTh*, sua segunda obra, já é possível localizar com mais facilidade trechos explícitos que identificam influências do Tao (taoismo) como os seguintes: “deixe o caminho livre” (1951/1997, p.60) e a ideia de “vazio fértil” (p.165), também chamada de “ku” no Zen-budismo.

De toda forma, após a aparição em *GTh*, todas as obras seguintes passaram a apresentar a temática de pensamentos orientais mais explicitamente. Em *GTE*, há menção a Buda (1969/1977,

p.62), ao *satori* como resposta a um impasse que foi superado (p.64); aos *koans*, como o “Nada existe a não ser o aqui e o agora” (p.65), além da utilização do termo “maya” (p.72), comum em religiões orientais e círculos esotéricos. O contato com as ideias orientais fica claro em *EsF* quando Perls comenta que foi seu amigo Paul Weisz⁶ quem o aproximou ao Zen (1969/1979, p.104) e fala da sua experiência com o pensamento oriental no Japão (p.99-100). Segundo Masquelier (2006), foi Weisz quem “trouxo seu conhecimento da filosofia oriental para o grupo, sugerindo que se concentram-se no aqui e agora, enfatizando a importância de não separar cabeça e corpo no trabalho psicoterapêutico” (p.29, *tradução livre*)

Na mesma obra, *EsF*, por outro lado, faz críticas a estas concepções. Afirma que “O Zen havia me atraído como uma possibilidade de uma religião sem Deus” (p.103), porém questiona a necessidade que ele tinha de se curvar diante de Buda, fato que provavelmente o afastou da prática zen-budista. Critica ainda a ioga e a meditação escrevendo que: “A meditação não trepa nem sai de cima, me parece uma educação na direção da catatonia” (p.96), trecho em que expressa sua marca áspera enquanto pensador. Vale destacar que Perls ficou conhecido por ser um terapeuta extremamente ativo e confrontador, talvez sua inquietude permanente e sua crítica a uma postura “passiva” justifiquem a asserção acima sobre a meditação.

A segunda categoria que emergiu durante as leituras foi a compreensão perlsiana da **Psicanálise como religião**. Em *EFA* é dito que: “[...] a maioria das pessoas que entraram em contato com a psicanálise ficou tão fascinada pela nova abordagem, que era muito superior à prescrição de brometos, à hipnose e à terapia de persuasão, que se tornou uma religião para elas” (1942/2002, p.141). Essa crítica foi tão introjetada pelos Gestalt-terapeutas que o sucederam que é possível encontrá-la explícita logo no prefácio de *GTh*, quando Isadore From e Michael Vincent Miller escrevem afirmando que acreditar na psicanálise seria algo que exigiria fé. Contudo,

⁶ Weisz compunha o Grupo dos Sete, responsável pela configuração inicial da Gestalt-terapia nos Estados Unidos.

superando a sua própria projeção de anos anteriores, em *EsF*, Perls revela: “É lindo ver como escrever ajuda! Eu havia tentado fazer da psicanálise o *meu lar espiritual, a minha religião*” (1969/1979, p.62, grifos nossos). Assume assim para si e para os leitores que ele mesmo havia feito da Psicanálise uma possibilidade religiosa em sua vida. Talvez isso facilite compreendermos porque a partir desta obra sua postura frente à espiritualidade/religiosidade já parece menos agressiva que nas obras anteriores. Cabe destacar que as críticas de Perls à Psicanálise e a Freud são bastante conhecidas pelos estudiosos da GT. Laura Perls (1994), esposa de Perls e cofundadora da abordagem gestáltica, chega a afirmar que Fritz estaria muito mais orientado psicanaliticamente durante todo o seu trabalho do que teria sido capaz de se dar conta em vida. Isto joga uma luz no caminho de uma compreensão acerca da presença de tais críticas em praticamente toda a sua produção científica e nos escritos de Gestalt-terapeutas contemporâneos.

Como terceira categoria, destacamos o **tema alma**. Em suas obras, Perls parecia em alguns momentos acreditar e desacreditar na existência de uma alma, além de não apresentar uma definição específica quanto a este termo. Em *EFA*, Perls faz críticas à concepção de alma e afirma que a sua criação foi uma forma de superar o conflito humano em lidar com a morte enquanto finitude (1942/2002, p.67). Contudo em *EsF*, parece utilizar o termo *alma* como correlato de emoções e sensações (1969/1979, p.127), chegando inclusive a aproximá-lo ao conceito de “self” em *GTh* (1951/1997, p.182). O que gera esta confusão conceitual? Em *EsF* parece dar aos leitores uma explicação. Perls discute a transposição da dicotomia “alma *versus* corpo” para “mente *versus* corpo” na modernidade (1969/1979, p.45-46); afirmando, na mesma obra, que qualquer uma destas dicotomias tornar-se-iam complicadores para os estudiosos do comportamento humano, incluindo ele mesmo (1969/1979, p.211).

Assim, ora parece que Perls se utiliza do termo “alma” para se aproximar dos conceitos de emoções/sensações/sentimentos (noção circunscrita no construto “mente”), ora se utiliza com a definição de uma substância autônoma como em algumas religiões. Isto fica mais evidente na obra *GTE* quando, ao mencionar brevemente um estudo de Wilson van Dusen com esquizofrênicos e a noção de “buracos na personalidade”, Perls afirma que “muitas pessoas não têm alma. Outras não têm órgãos genitais” (p.60). Não fica claro, porém, no trecho se se referia a uma falta de emoções e sensações ou à ausência de uma substância autônoma. Acreditamos ser importante destacar que neste mesmo trecho é questionada a ideia de van Dusen e Perls afirma acreditar que todas as pessoas possuem tais buracos na personalidade. Esse trecho se mostra importante no sentido de lançar luz na direção de uma leitura psicopatológica gestáltica, temática por vezes ignorada na área.

Elegemos como quarta categoria, a crítica de Perls à tentativa por parte de religiões judaico-cristãs em utilizar a **religião como repressora da agressão**. Em *EFA*, há dois trechos que mencionam isto: “Na religião cristã (...) todos os instintos devem ser reprimidos, e uma cisão entre corpo e alma é estabelecida; o corpo, como o portador dos instintos, é desprezado e condenado como pecaminoso” (1942/2002, p.182) e “Este erro, esta crença de que se pode neutralizar a agressão por meio do amor e da religião, adquire importância crescente em nosso tempo” (p.182). Assim, Perls critica a cisão entre o corpo e mente, bem como as formas de menosprezar o instinto da agressão. Apesar da crítica, Perls parece reconhecer o suporte presente na espiritualidade/religiosidade ao afirmar que se os judeus direcionassem corretamente sua agressão (para fora) perderiam sua religião e tornar-se-iam melancólicos (p.182). Ressaltamos que o tema da “agressão”, importante para compreender a proposta perlsiana de “metabolismo mental” e desenvolvimento oral, também costuma ser ignorado na abordagem gestáltica, como afirma Holan-

da (2005). Ainda sobre o tema agressão, destacamos que em *GTh*, quando é discutido o processo de autorregulação orgânica e fica explicitado que “agressão, aprendizado e cultura” seriam “funções do espírito” (p.60); parece haver novamente uma falta de conceituação acerca dos termos “alma”, “espírito” e afins.

A quinta categoria encontrada versa sobre a compreensão de **religião e Deus como geradores de retroflexão⁷ e problemas à humanidade**. Em *EFA*, ao falar sobre os processos de industrialização no mundo moderno, afirma que: “ela (a máquina) dá as mãos à religião e ao industrialismo, participando da destruição da humanidade” (1942/2002, p.183), apontando um caráter negativo da religião. Quanto à retroflexão, afirma na mesma obra, que “uma grande parte do sofrimento auto-imposto deve ser explicada desta forma: ‘Veja, Deus, estou me punindo (com jejum e sacrifícios); assim, você não pode ser tão cruel e me punir mais ainda’” (p.311).

A aspereza de Perls ao falar sobre este assunto é tamanha que chega a afirmar em *EFA* que “a religião tende a impedir o crescimento da humanidade, a manter os crentes num estado infantil” (1942/2002, p.114), sem considerar qualquer possibilidade positiva na relação estabelecida entre pessoas e o sagrado. Há que se destacar que, no prefácio da edição brasileira de *EFA*, Georges Boris ao falar sobre a obra, afirma que “Perls discute o papel fundamental da retroflexão na fundamentação de nossa sociedade judaico-cristã” (p.25). Esta leitura da retroflexão como fundamental para a sociedade parece estar transposta na noção gestáltica de que a dor é uma possibilidade de crescimento presente em *GTE* (1969/1977, p.79) e de que o paciente só chegará ao fechamento da *gestalt* se permitir-se passar pela sua dor em *EsF* (1969/1979 p.128). Assim, Perls parece radicalizar, e polarizar, a compreensão de retroflexão, ora como fundamento de uma soci-

⁷ Nas palavras de Perls (1973/1988) retroflexão significa “literalmente, volta-se rispidamente contra” (p.53), o indivíduo “para de dirigir suas energias para fora (...) e redirige sua atividade para dentro e se coloca no lugar do meio como alvo do comportamento” (p.54).

idade, parecendo atribuir-lhe um caráter positivo, ora como mecanismo de defesa, atribuindo-lhe uma leitura psicopatológica.

Sobre a concepção de dor como único caminho para fechamento de *gestalten* há uma ressignificação teórica em *AGTOT* quando Perls afirma que: “Quando o objeto catexial, seja sua *catexis* positiva ou negativa, foi apropriado ou destruído, contatado ou dele se fugiu, ou relacionado de algum modo satisfatório com o indivíduo, tanto ele quanto a necessidade a que está associado desaparecem do meio: *a Gestalt está fechada*” (1973/1988, p.36, grifos do autor). Ou seja, não unicamente a dor seria uma forma de resolver uma situação, mas a fuga também possibilitaria este processo.

Há em suas obras, críticas específicas ao cristianismo enquanto doutrina religiosa. Nesse sentido, Perls parece pensar uma relação entre **culpa e cristianismo**, sexta categoria encontrada. Perls critica a forma de libertação de culpa cristã questionando se é possível libertar-se desta apenas afirmando: “Pai, eu pequei” em *EsF* (1969/1979, p.160). Além de criticar a noção católica de que já “nascemos em pecado” (p.219). Menções ao cristianismo aparecem inclusive nas ilustrações de *EsF*, feitas por Russ Youngreen, para a obra original:

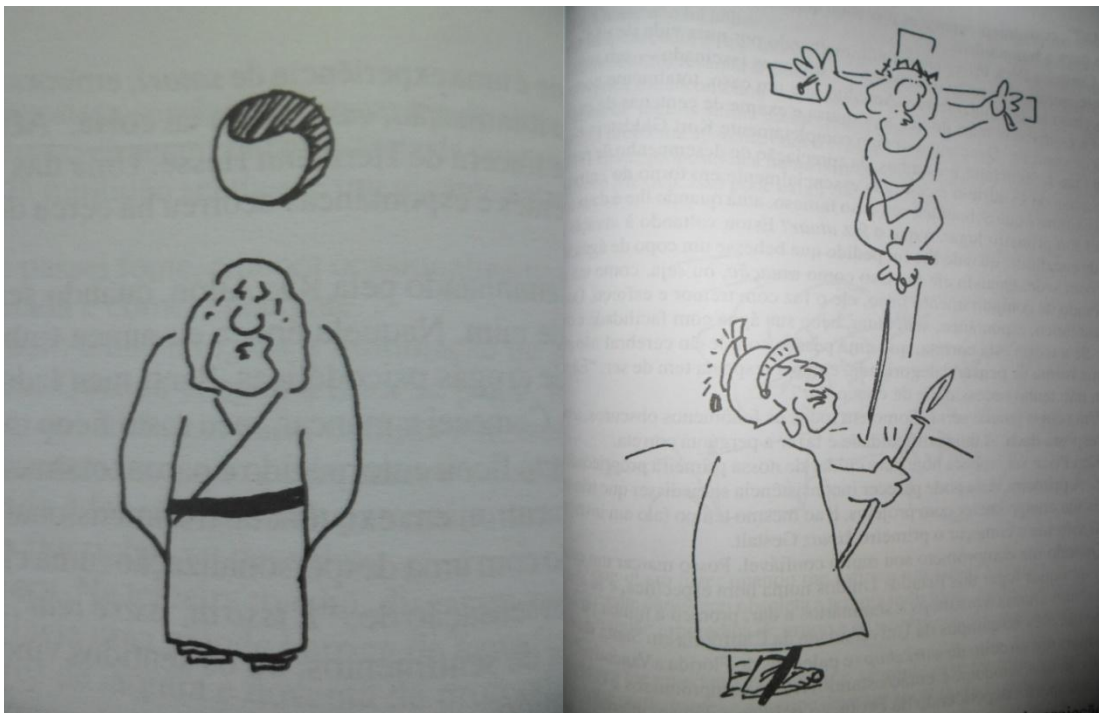


Figura 1: Imagens retiradas da obra *Escarafunchando Fritz: Dentro e Fora da Lata de Lixo* (p.102, à esquerda) (p.241, à direita) nas quais é possível perceber referências à filosofia oriental e ao cristianismo.

Como sétima e última categoria apresentamos a possibilidade de uma **abertura à espiritualidade/religiosidade na Gestalt-terapia** a partir das obras de Fritz Perls. Acreditamos nesta abertura primeiramente porque a temática está presente, seja sutil ou bem demarcada, em suas cinco obras principais, o que parece apontar que esta não era uma *gestalt* fechada para o autor. Em segundo lugar, há trechos em que reconhece que o manejo deste tema era uma dificuldade pessoal, chegando a afirmar que “venero e admiro o judeu inteiro, uno com a sua religião, história e modo de vida” em *EsF* (1969/1979, p.113). Além disso, ao criticar a falta de sentido na religião, acusando seus rituais de serem estranhos (p.213), Perls remete-se apenas à sua experiência, sem investigar com outras pessoas quais sentidos e significados atribuíam a suas ações nestes espaços. Em *AGTOT*, ao afirmar que os imperativos religiosos (como os dez mandamentos) são geradores de neurose, uma vez que os indivíduos não são capazes de atendê-los (1973/1988,

p.124), desconsidera o seu próprio conceito de ajustamento criativo⁸ frente às exigências do meio, e deixa de lado a possibilidade de pensar pessoas religiosas que encontraram seus pontos médios neste conflito.

Quando discorre sobre o fechamento de *gestalten* em *EsF*, remete-se à experiência de nirvana (1969/1979, p.151) como uma experimentação de “bom fechamento, satisfação” e “paz temporária”, sendo este fluxo entre abrir e fechar *gestalten*, o que considerará como um estado de saúde no indivíduo. Assim, parece acreditar que o estado de nirvana é fundamental para um organismo saudável. Em *EsF* também, ao falar sobre a sua experiência na guerra, afirma que: “Na marcha de retorno, um maravilhoso nascer do sol. Senti a presença de Deus. Ou será que era gratidão, ou o contraste entre o fogo da artilharia e a serenidade do silêncio? Quem é capaz de dizer?” (p.113). Aqui expõe como havia um conflito pessoal interno sobre o tema espiritualidade/religiosidade e parece nos deixar com a responsabilidade de (re)pensá-la.

Fechando/Abrindo “gestalten”: algumas considerações

Retornar à leitura de obras após décadas que foram escritas é arriscado caso seja ignorado o contexto em que surgiram. Entre os diversos trechos que justificam essa assertiva, citemos a sugestão de tratamento de choque como forma de restabelecer a função holística em *EFA* (1942/2002, p.274); a proposta de que mulheres precisariam apanhar de seus maridos para respeitá-los, em *EsF* (1969/1979, p.93); ou ainda a compreensão da homossexualidade como algo a ser curado em *GTE* (1969/1977, p.40), entre outros pontos da obra de Perls que poderiam ser considerados polêmicos se desalojados de um contexto cultural e histórico específico não somente para a Psicologia, mas para a sociedade como um todo.

⁸ Segundo Robine (2006), ajustamento criativo refere-se a uma conceituação gestáltica pensada por Perls e Goodman em que o “indivíduo é transformado pelo ambiente, ou se transforma a partir dele” (p.53).

Perls ficou conhecido por alguns por ser questionador de práticas e teorias, parecendo ter sido fortemente influenciado pelo *Zeitgeist* de sua época – que envolvia o movimento de Contra-cultura (que conheceu nos cafés de Berlim), o movimento *Bauhaus* e suas atividades no Teatro Expressionista de Max Reinhardt – bem como sua posterior vinculação ao movimento hippie, já em solo estadunidense. Não somente isto, também era visto como arrogante e impulsivo por muitos, incluindo-se por seus próprios “aprendizes”. Afirmava utilizar drogas, como LSD e outros psicoativos, fato explicitado em sua obra autobiográfica (*EsF*).

Reconhecendo que Perls pertencia a este contexto histórico específico e que parecia apoiar uma visão anarquista de mundo em que hierarquias (como, por vezes, as expressas por religiões) deveriam ser criticadas, é possível entender melhor a sua postura ao dissertar sobre assuntos como Deus, alma, fé, espiritualidade, religião e afins. Isso não significa, porém, que a sua proposta psicoterapêutica, a Gestalt-terapia, não possua espaço para estes temas.

Laura Perls (1994), por exemplo, ocupou-se em discutir algumas dessas questões de forma mais dedicada. Na obra compilada com seus escritos, esboça como acredita que os mitos bíblicos, por exemplo, serviram de orientação para a humanidade e que o abandono destes, sem algo para ocupar tal lugar, dificultaria o nosso desenvolvimento. Para sustentar seu argumento, faz uma releitura de Adão e Eva, mostrando como é possível pensar questões humanas a partir desta história, sem necessariamente interpretá-las por uma ótica cristã ou deísta.

Contudo, alguns dos contemporâneos de Perls parecem tê-lo seguido quanto a estes pensamentos ásperos, como Polster & Polster (1973/2001) que criticam a ideia de Deus (p.114) e o pensam como uma forma projetiva de desresponsabilização (p.98). Isto é consenso na Gestalt-terapia? Decerto que não. Exponente brasileiro no assunto, Ribeiro (1985) aproxima GT e espiritualidade afirmando que: “a postura gestáltica da vida tem muito a ver com um sentido religioso

existencial, facilitando uma concepção de Deus, enquanto um ser totalmente presente na existência e, não obstante isto, totalmente respeitador da individualidade de cada um” (p.125). Para Silva (2010), a Gestalt-terapia permite o trabalho no sentido de considerar a experiência espiritual como um campo de possibilidades. Afirma ainda que não há porque o profissional se distanciar da autenticidade da vivência espiritual, ou mesmo da espontaneidade desta e aponta a criatividade terapêutica como a chave para manejar essas situações em psicoterapia.

A alienação da existência de um dado espiritual/religioso pode gerar dificuldades na execução do papel do profissional em Psicologia. Por exemplo, Tavares & Andrade (2009) narram a experiência de uma Gestalt-terapeuta em contato com três clientes religiosos, explicitando momentos em que o atendimento foi prejudicado por conta do conflito religioso entre psicoterapeuta e cliente. Trabalhos como o das autoras, apontam a necessidade de se discutir temas voltados à religiosidade e à espiritualidade nos espaços de formação profissional.

Alguns trabalhos importantes nessa interface são: a pesquisa de mestrado desenvolvida por Veras (2005), já citada neste ensaio, em que o autor busca compreender as relações entre Zen-budismo e a Gestalt-terapia, fazendo um percurso histórico e mostrando a aproximação de Perls com este tema; bem como as pesquisas realizadas por Ênio Pinto, em especial Pinto (2008) na qual o autor se utiliza de conceitos gestálticos como *situação inacabada*, *contato*, *figura-fundo*, *campo* entre outros, para consolidar o seu argumento de que a Gestalt-terapia tem potencial para contribuir com os estudos da Psicologia da religião.

Além destes, é possível citar outros pesquisadores da área em âmbito internacional, como Williams (2006) que propõe pensarmos a GT como uma abordagem transpessoal, Delacroix (2009) que dedica dois capítulos de sua obra ao tema, um sobre GT e Xamanismo e outro sobre GT e Espiritualidade; há ainda Ingersoll (2005) que também aborda a temática Espiritualidade e

GT; e O'Neill (2012) em uma obra inteira sobre o assunto entre outros. Obras como estas enfatizam a importância de mais estudos nessa direção e ampliação teórica da Gestalt-terapia neste campo.

Como disse Laura Perls (1994), a “Gestalt-terapia é um processo anárquico no sentido de que não segue regras ou normas pré-estabelecidas. Não pretende adaptar as pessoas a nenhum sistema, mas sim tentar adaptá-las ao seu próprio potencial criativo” (p.31, *tradução livre*). Compete assim a cada Gestalt-terapeuta refletir criticamente acerca do seu fazer a fim de balizá-lo pela ética, pelo cuidado e por um trabalho que seja, acima de tudo, respeitoso às possibilidades de ajustamento que seus clientes, religiosos ou não, apresentam.

Referências

- Dalgalarrondo, P. (2008). *Religião, psicopatologia & saúde mental*. Porto Alegre, RS: Artmed.
- Delacroix, J. M. (2009). *Encuentro con la psicoterapia: una visión antropológica de la relación y el sentido de la enfermedad en la paradoja de la vida*. Santiago de Chile, CL: Editorial Cuatro Vientos.
- Esperandio, M. R. G. (2014). Prayer and health: a Portuguese literature review. *Revista Pistis & Praxis*, 6(1), 51-66. doi: 10.7213/revistapistispraxis.06.001.DS03
- Frazão, L. M. (1997). Apresentação à edição brasileira. In F. Perls, R. Hefferline, & P. Goodman. *Gestalt-terapia* (pp. 7-10). São Paulo, SP: Summus.
- Freud, S. (1996). *O Futuro de uma Ilusão*. Rio de Janeiro, RJ: Imago (Original publicado em 1927).
- Fry, P. (2000). Religious involvement, spirituality and personal meaning for life: existential predictors of psychological wellbeing in community-residing and institutional care elders. *Aging & Mental Health*, 4(4), 375-387.
- Genaro Junior, F. (2011). Psicologia clínica e espiritualidade/religiosidade. *Psicologia Revista*. São Paulo, 20 (1), 29-41.

- Giovanetti, J. P. (1999). O sagrado e a experiência religiosa na psicoterapia. In M. Massimi & M. Mahfoud (Orgs.). *Diante do mistério: psicologia e senso religioso* (pp. 87-96). São Paulo, SP: Loyola.
- Helou, F. (2013). *Frederick Perls, inquietações e travessias: da Psicanálise à Gestalt-terapia*. (Dissertação de Mestrado). Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura, Universidade de Brasília, Brasília.
- Holanda, A. F. (2005). Elementos de epistemologia da Gestalt-terapia. In A. F. Holanda & N. J. de Faria (Orgs.). *Gestalt-terapia e contemporaneidade: contribuições para uma construção epistemológica da teoria e da prática gestáltica* (pp. 21-53). Campinas, SP: Livro Pleno.
- Holanda, A. F. (2014). *Fenomenologia e Humanismo: Reflexões necessárias*. Curitiba, PR: Juruá Editora.
- Ingersoll, R. E. (2005). Gestalt therapy and spirituality. In A. Woldt & S. Toman (Orgs.). *Handbook of gestalt therapy* (pp. 133-150). New York, NY: Sage.
- James, W. (1902). *The varieties of religious experiences: A study in human nature*.
- Koenig, H. G., McCullough, M. E., & Larson, D. B. (2001). *Handbook of Religion and Health*. New York, NY: Oxford University Press.
- Macedo, D. S., Fonseca, C. M. M., & Holanda, A. F. (2007). Um Estudo Comparativo de Aconselhamento Religioso em três vertentes Religiosas Brasileiras. *Revista da Abordagem Gestáltica* (Impresso), 13 (2), 206-216.
- Masquelier, G. (2006). *Gestalt Therapy: Living Creatively Today*. Santa Cruz, CA: Gestalt Press.
- Moreira-Almeida, A., Lotufo-Neto, F., & Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: A review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28 (1), 242-250.
- O'Neill, B. (2012). *Our Search for Meaning: Essays on Spirituality and Gestalt Therapy*. Austrália, AU: Ravenwood Press.
- Panzini, R. G. & Bandeira, D. R. (2007). Coping (enfrentamento) religioso/espiritual. *Rev. Psiquiatria Clín.* 34 (supl 1), 126-135.
- Pargament, K. I. (1997). *The Psychology of religion and coping. Theory, research, practice*. New York, NY: The Guilford Press.
- Peres, J. F. P., Simão, M. J., & Nasello, A. G. (2007). Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34 (1), 136-145.

- Perls, F. (1977). *Gestalt-terapia explicada*. São Paulo, SP: Summus. (Original publicado em 1969)
- Perls, F. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo, SP: Summus. (Original publicado em 1969).
- Perls, F. (1988). *A abordagem Gestáltica e testemunha ocular da terapia* (2a ed.). Rio de Janeiro, RJ: LTC (Original publicado em 1973).
- Perls, F. (2002). *Ego, fome e agressão*. São Paulo, SP: Summus. (Original publicado em 1942).
- Perls, F., Hefferline, R., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia* (2a ed.). São Paulo, SP: Summus (Original publicado em 1951).
- Perls, L. (1994). *Vivendo en los Límites*. Valencia: Promolibro.
- Pinto, E. B. (2008). As Ciências da Religião, a Psicologia da Religião e a Gestalt-terapia: em busca de diálogos. *Revista da Abordagem Gestáltica* (Impresso), 14 (1), 70-79.
- Pinto, E. B. (2009). Espiritualidade e religiosidade: Articulações. *Rever* (PUCSP), 9 (1), 68-83.
- Polster, E., & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo, SP: Summus (Obra original publicada em 1973).
- Ribeiro, J. P. (1985). *Gestalt-terapia: refazendo um caminho*. São Paulo, SP: Summus.
- Robine, J. M. (2006). *O self desdobrado – Perspectiva de campo em Gestalt-terapia*. São Paulo, SP: Summus.
- Starbuck, E. D. (1901). *The psychology of religion: An empirical study of the growth of religious consciousness*. (pp. 163-179). London, EN: Charles Scribner's Sons.
- Silva, L. M. B. (2010). Espiritualidade e Gestalt-terapia – a legitimação da experiência espiritual no processo terapêutico. In *Resumos do III Congresso de Gestalt-Terapia do Estado do Rio de Janeiro (sem página)*, Rio de Janeiro, RJ.
- Tavares, J. P., & Andrade, C. C. (2009) A Escuta Fenomenológica Comprometida pela Ótica Religiosa de uma Gestalt-Terapeuta. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 15 (1), 21-29.
- Tellegen, T. (1984). *Gestalt e grupos: uma pesquisa sistêmica*. São Paulo, SP: Summus.
- Veras, R. P. (2005). *Iluminação: diálogos entre a Gestalt-terapia e o Zen-Budismo*. (Dissertação de Mestrado). Mestrado em Psicologia Clínica, Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.

- Vergílio, S. R., & Holanda, A. F. (2010). Analogias e diferenças entre reuniões mediúnicas espíritas e o atendimento em psicologia clínica. *Revista da Abordagem Gestáltica*, 18 (2), 173-182.
- Verona, H. C. (2013, 2 de setembro). Psicologia, religião, espiritualidade e laicidade. *Site do Conselho Federal de Psicologia*. Recuperado de <http://site.cfp.org.br/artigo-2/>.
- Williams, L. (2006). Spirituality and Gestalt: A Gestalt-Transpersonal Perspective. *Gestalt Review*, 10 (1), 6-21.
- Worthington, E. L., & Aten, J. D. (2009). Psychotherapy with religious and spiritual clients: An introduction. *Journal of Clinical Psychology*, 65 (1), 123-130.
- Zinnbauer, B. J., Pargament, K. I., & Scott, A. B. (1999). The emerging meanings of religiousness and spirituality: Problems and prospects. *Journal of Personality*, 67 (1), 887-919.
Recuperado de http://www.psychology.hku.hk/ftbcstudies/refbase/docs/zinnbauer/1999/67_Zinnbauer_et_al1999.pdf.

CAPÍTULO 2

Espiritualidade/Religiosidade para Gestalt-terapeutas brasileiros: um estudo exploratório

Resumo: O tema espiritualidade/religiosidade tem sido bastante debatido no cenário brasileiro. Essas discussões atravessam a sociedade e comparecem no fazer técnico de diversos profissionais, dentre os quais, aqueles que trabalham com Psicologia. A fim de explorar este campo, objetivou-se investigar quais as compreensões de psicólogos gestalt-terapeutas acerca da espiritualidade. Para isso foi aplicado um questionário online composto por uma questão aberta e pelo autoquestionário “Core Dimensions of Spirituality” adaptado ao português. Participaram do estudo 198 gestalt-terapeutas brasileiros das cinco regiões do Brasil. Utilizou-se o referencial teórico da análise de conteúdo de Laurence Bardin para a compreensão dos dados coletados. As respostas foram organizadas baseadas nas quatro dimensões do autoquestionário – 1) Crença em Deus; 2) Busca de Sentido; 3) *Mindfulness*; 4) Sentimento de Segurança – e em 10 categorias organizadas a partir das respostas abertas. A diversidade presente nas categorias mostrou a dificuldade em reuni-las e afirmar categoricamente como a espiritualidade é pensada pelos Gestalt-terapeutas participantes do estudo. Foi possível perceber, contudo, que a compreensão acerca da espiritualidade é vasta, englobando desde aspectos transcendentais e imateriais, até uma compreensão mundana, corpórea, deste fator como parte da existência humana. Houve dificuldade conceitual por parte dos participantes em compreender a diferença entre espiritualidade e religiosidade. Apesar de se ter utilizado duas ferramentas diferentes de coleta, os dados encontrados aproximaram-se, havendo categorias que receberam o mesmo nome que dimensões do autoquestionário utilizado.

Palavras-chave: espiritualidade/religiosidade, psicologia clínica, gestalt-terapia

Abstract: The question of spirituality / religiosity has been quite debated in the Brazilian scene. These discussions traverse the society and attend to the various technical professionals, among which those working with psychology. In order to explore this field, this essay aimed to investigate which understandings of gestalt therapists about spirituality. It was applied an online questionnaire with an open question and the self-questionnaire "Core Dimensions of Spirituality" adapted to Portuguese. 198 Brazilian Gestalt therapists of the five regions of Brazil have participated of the study. It was used the theoretical framework of Laurence Bardin content analysis to understand the data collected. The answers were based on four self-questionnaire dimensions - 1) Belief in God; 2) Searching for meaning; 3) Mindfulness; 4) Feeling of Security - and in 10 categories arranged from the open answers. The diversity present in the categories showed the difficulty state categorically how Gestalt therapists comprehend the spirituality. It could be observed, however, that the understanding of spirituality is vast, encompassing since transcendental and immaterial aspects, even a worldly understanding and also this factor as part of human existence. There was conceptual difficulty for participants to understand the difference between spirituality and religiosity. Despite having used two different tools for collection data, the results found in both tools were close, therefore some categories received the same name of the self-questionnaire dimensions.

Keywords: spirituality/religiousness, clinical psychology, gestalt therapy

Introdução

Diversos debates têm sido realizados no Brasil, pelo menos com certa intensidade nos últimos anos, acerca de temas que atravessam questões envolvendo espiritualidade/religiosidade e Psicologia. Entre eles é possível citar os que geram debates mais acalorados como a legalização do aborto, a compreensão do que é a homossexualidade e como o profissional em Psicologia atua nestes casos, além da dita laicidade da Psicologia, entre outros.

A formação em Psicologia, na maior parte dos casos, pouco privilegia essa temática, geralmente tomando uma posição rígida sem reflexão crítica. A Universidade Federal do Paraná, por exemplo, é uma das poucas instituições brasileiras que possui uma disciplina específica sobre Psicologia e Religião no curso de graduação em Psicologia. Essas discussões ocorrem mais intensamente na Europa (Giovanetti, 1999), e os cursos de graduação são de capital importância nesta reflexão, apontando para um novo repensar dessas questões constituindo, de alguma forma, um debate crítico e reflexivo acerca da prática ética do Psicólogo, assegurada por um código de conduta profissional, mas também pela apropriação teórica utilizada em seu trabalho.

Como essa discussão torna-se importante no contexto clínico? A clínica psicológica, apesar de suas diversas modalidades, ainda carrega uma representação muito associada à psicoterapia individual. Discorrer sobre psicoterapia é entrar em um campo vasto, porém com uma série de indefinições e complexidades conceituais. Holanda (2012) problematiza como as diversas modalidades de atendimentos clínicos têm sido debatidas no Brasil e como tais indefinições criam impasses éticos e profissionais tanto para psicólogos como para outros psicoterapeutas da área de saúde. Entre as indefinições há a indagação: quem pode exercer a função de psicoterapeuta no Brasil? Não há uma delimitação clara por parte dos conselhos profissionais, contudo na Classificação Brasileira de Ocupações (Brasil, 2002) a busca pelo termo “psicoterapeuta” indica dois sinônimos para as categorias: 1) “Médico Psicoterapeuta” (Código 2251-33), sendo esta uma subcategoria para a ocupação de profissionais formados em medicina e 2) “Psicoterapeuta” (Código 2515-10), na qual estão incluídos Psicólogos e Psicanalistas.

Como no Brasil a função de psicoterapeuta parece ser socialmente vinculada ao psicólogo, no sentido de delimitar a pesquisa, sem desconsiderar profissionais psicoterapeutas não-psicólogos quanto à competência do seu fazer, o trabalho aqui apresentado foi desenvolvido com foco no grupo de profissionais formados em Psicologia com registro ativo no conselho regional da área e que atuassem como Gestalt-terapeutas. Qual a razão da escolha desta abordagem? A Gestalt-terapia (Gt) é uma das muitas abordagens psicoterapêuticas que compõem o grupo que se compreende como Psicologia Humanista. A proposta de uma “Psicologia Humanista” visava fundamentar em um eixo, chamado comumente de “terceira força da Psicologia”, uma “alternativa viável da psicologia objetivista e behaviorista (mecanomórfica) e do freudianismo ortodoxo” (Maslow, 1962, p.10). Além disso, para Maslow (1962), esse seria um caminho até que se che-

gasse a uma Psicologia Transpessoal, mais ampla, que considerasse mais o coletivo e menos os fatores individuais.

Apesar da sua apropriação por vezes questionável de temáticas relativas à espiritualidade e à religiosidade, como Zen-budismo, Taoísmo e pensamento oriental, a Gt parece indicar uma abertura quanto a investigações nesse sentido. Estudos nacionais como o de Veras (2005), investigando as relações entre Gt e Zen-budismo, de Pinto (2008), sobre psicologia da religião e Gt, e de Ribeiro (2009) reforçam esta ideia. No trabalho de Veras (2005), por exemplo, são apresentadas diversas aproximações e distanciamentos entre a abordagem gestáltica de Perls e concepções do Zen-budismo. Resumidamente, nas palavras do autor:

(...) alguns conceitos da GT nos quais foi possível reconhecer a influência do Zen, como o conceito de vazio fértil, ponto zero, a noção de totalidade e polaridades, e o próprio processo de formação figura/fundo como o fluxo natural do existir humano. Neles, reconheci a proximidade com as noções Zen de totalidade e processo, entre outras (Veras, 2005, p.6-7)

Pinto (2008) faz um trabalho semelhante ao de Veras (2005) buscando utilizar conceitos gestálticos como *situação inacabada*, *contato*, *figura-fundo*, *campo* entre outros, para consolidar o seu argumento de que a Gestalt-terapia tem potencial para contribuir com os estudos da Psicologia da religião:

Dentre as muitas correntes da psicologia, a Gestalt-terapia é uma das que têm enorme potencial para funcionar como facilitadora do difícil diálogo entre a ciência e a religião, entre a religião e a ciência. Desafortunadamente, esse potencial não tem sido suficientemente desenvolvido pelos gestalt-terapeutas (Pinto, 2008, p.76)

Em sua obra, Ribeiro (2009) afirma que tanto transcendência quanto espiritualidade são condições humanas de existência. Em seu trabalho constrói uma ponte entre os conceitos de holismo, ecologia e espiritualidade, discutindo que é impossível uma preocupação ecológica com o mundo, sem as dimensões de holismo e espiritualidade. Para elucidar sua conceituação, utiliza-se de conceitos e leituras gestálticas, como no trecho que aparece logo no início da obra em que

afirma que “Ecologia e Espiritualidade são processos gestálticos de configurações perfeitas, porque nem uma nem outra podem ser pensadas por meio de suas partes, sob pena de se destruir sua unidade de sentido e de ação” (p.16).

Em contexto internacional, também é possível encontrar aproximações da Gt com a espiritualidade de formas semelhantes a estas. Ingersoll (2005) traz a compreensão da espiritualidade como um “caminho de desenvolvimento” que possibilitam compreender experiências com o Sagrado (Divino), podendo este ser ligado à concepção de “Deus”, “Deusa” ou “Vazio” (p.135). O autor afirma que:

Tanto a Gestalt-terapia como as práticas espirituais manifestam sua confiança nos processos naturais do organismo e da personalidade. (...) A confiança na natureza, na orientação do aqui e agora, da sinalização direta e na transcendência das polaridades, são um âmbito comum da Gestalt-terapia e das práticas espirituais. (...) A Gestalt-terapia, como muitas práticas espirituais, dirige sua atenção do indivíduo para o processo (p.137).

Williams (2006) apresenta vários estudos estadunidenses nesta mesma interface entre abordagem gestáltica e espiritualidade e propõe uma “Gestalt-terapia transpessoal”. A autora afirma que incluir a dimensão espiritual na relação, como parte do processo psicoterapêutico entre terapeuta e cliente, pode facilitar o processo de cura do cliente e ampliar a relação terapêutica entre ambos. Essas aproximações se dão também em contexto de religiões e crenças indígenas. Delacroix (2009), Gestalt-terapeuta francês, por exemplo, faz aproximações sobre a ampliação de consciência (*awareness*) em Gestalt-terapia e em transes xamânicos, dividindo a sua experiência obtida em tribos da Amazônia peruana e do México. Delacroix intitula sua investigação como uma “etno-Gestalt” (p.370), pensando culturas e antropologias no processo de compreender a Gt. Em seu trabalho, bastante espiritualista, chega a afirmar que: “Toda enfermidade é ‘espiritual’. Toda desordem física e/ou psicológica é o indício de uma ruptura com o contato com este entorno, portanto, no vínculo com o Espírito” (p.377).

Polster e Polster (1973/2001) já afirmavam que o terapeuta é seu próprio instrumento de trabalho e que a inclusão de suas experiências em terapia poderia ser de grande valia para um trabalho gestáltico. Assim, a reflexão crítica sobre o tema espiritualidade talvez possa ampliar a compreensão deste por parte dos psicoterapeutas e facilitar o contato com a experiência religio-

sa/espiritual de seus clientes/pacientes ou de usuários de algum serviço de saúde. Apesar de diversas pesquisas discutirem este tema teoricamente, acreditamos que é preciso ampliá-lo e ir a campo a fim de investigar como os profissionais da área o compreendem. Como afirmam Peres, Simão e Nasello (2007):

Faz-se necessário o reconhecimento da espiritualidade como componente essencial da personalidade e da saúde por parte dos profissionais; esclarecer os conceitos de religiosidade e espiritualidade com os profissionais; incluir a espiritualidade como recurso de saúde na formação dos novos profissionais; adaptar e validar escalas de espiritualidade/religiosidade à realidade brasileira e treinamento específico para a área clínica (p.143)

A fim de explorar o campo, esta pesquisa buscou investigar como 198 Gestalt-terapeutas brasileiros que atuam como psicoterapeutas compreendem o conceito de espiritualidade. Além disso, verificou ainda com quais dimensões da espiritualidade, baseando-se em um questionário pré-estabelecido, estes profissionais mais se aproximavam.

Método de investigação

Holanda (2003b, p. 39) afirma que “as formas de investigação do humano são, essencialmente, modos de *ser* humanos”. Assim, para realizar uma pesquisa com a temática aqui exposta fez-se necessária a utilização de um método de descrição e análise de processos que fosse compatível com a proposta de uma Psicologia de orientação humanista, visando considerar aspectos da intersubjetividade humana.

Considerando a complexidade de ambos os temas, e buscando uma compreensão ampliada, este trabalho foi desenvolvido com enfoque quanti-qualitativo. Primeiramente foi construído um questionário virtual buscando identificar como o psicoterapeuta gestáltico compreendia a espiritualidade. Em seguida, realizamos uma compreensão qualitativa destes dados utilizando o referencial da análise de conteúdo de Laurence Bardin (1977), organizada em três etapas: 1) pré-análise, 2) exploração do material e 3) inferência e interpretação dos resultados (p.95). A fim de manter as respostas dos informantes de forma mais fidedigna aos dados coletados, erros de ortografia, de digitação e de construção semântica foram mantidos nas análises. A primeira etapa tem “por objetivo tornar operacionais e sistematizar as ideias iniciais, de maneira a conduzir a um esquema preciso do desenvolvimento das operações sucessivas, num plano de análise” (p.95).

Nesta etapa foi definido o grupo com o qual a pesquisa seria desenvolvida (gestalt-terapeutas brasileiros) e os dados que se objetivava coletar: as compreensões destes participantes acerca da espiritualidade/religiosidade.

Com vistas a garantir as questões éticas ligadas à pesquisa, o projeto foi submetido previamente à Plataforma Brasil e aprovado com CAAE 31117314.4.0000.0102. A coleta foi iniciada na segunda quinzena de agosto de 2014 e encerrada no final de outubro de 2014, estando o termo de consentimento e o questionário disponíveis para acesso dos participantes neste intervalo.

Para o contato com os participantes foi utilizada a internet por cinco meios principais: 1) a lista de e-mails do *Grupo GTBR* – Gestalt-terapia Brasil (gtbr@googlegroups) – que contava com 692 membros no período do início da coleta; 2) os e-mails cadastrados no *Site GTBR* (www.gestaltbrasil.blogspot.com) – cerca de 300 endereços; 3) a rede de contatos dos pesquisadores; 4) a página virtual *Literatura Gestáltica* e 5) redes sociais virtuais. Em todos os espaços era enviado um e-mail ou feita uma publicação (Apêndice I), convidando Gestalt-terapeutas brasileiros a participarem da pesquisa. Como não havia uma estatística que apontasse quantos Gestalt-terapeutas existiam no Brasil à época da coleta, a amostra foi delimitada pela quantidade de participantes que mostraram interesse em participar da pesquisa durante o período de coleta. O questionário obteve 201 respostas, com 3 repetições – participantes que enviaram os dados duas vezes no formulário, totalizando 198 respostas válidas (Apêndice V).

Os participantes da pesquisa foram apenas psicólogos e psicólogas Gestalt-terapeutas que atuavam como psicoterapeutas. Considerando que a clínica ainda é vista como espaço em que o psicólogo atua mais fortemente nesta direção, e os dados da pesquisa de Gondim, Bastos e Peixoto (2010), que afirmam que cerca de 50% dos psicólogos ainda ocupam a clínica como área predominante de atuação corroboram isto, optamos por escolhê-los como participantes da pesquisa. Foram utilizados dois critérios para inclusão na amostra investigada: 1) ser profissional de psicologia e psicoterapeuta que atuasse com enfoque gestáltico na clínica; 2) ter disponibilidade para participar da pesquisa mediante o devido aceite via Termo de Consentimento Livre e Esclarecido virtual.

Como segunda etapa do método proposto por Bardin (1977), há a exploração do material. Nesta etapa, a autora propõe uma análise tanto quantitativa quanto qualitativa (p.113). Para análise quantitativa, os discursos dos participantes foram submetidos a um contador de palavras a fim de verificar as frequências de palavras contidas nas respostas. Para análise qualitativa, “pro-

cedimento mais intuitivo, mas também mais maleável e mais adaptável” (p.113), as respostas foram lidas e estruturadas em categorias temáticas. A autora afirma que “classificar elementos comuns em categorias impõe a investigação do que cada um deles tem em comum com outros” (p.118), recomendando que primeiramente estes elementos sejam isolados e em seguida classificados. Como as respostas dos participantes já estavam separadas no formulário aplicado, o procedimento de isolá-las não foi necessário. Para categorização, os pesquisadores leram exaustivamente as respostas a fim de organizá-las em temáticas comuns, apresentadas aqui em 10 categorias na seção de resultados.

Na última etapa, são realizadas as inferências e compreensões dos dados categorizados. Estas informações encontram-se na seção de discussão.

Participantes

A pesquisa foi realizada com uma amostra não probabilística de Gestalt-terapeutas brasileiros composta por 198 participantes das cinco regiões brasileiras. Os participantes possuíam entre 21 e 71 anos, com maior concentração da amostra no estrato de 21 a 36 anos, como é possível visualizar no gráfico abaixo:



Figura 1: Distribuição da amostra por idade

Quanto ao sexo, a amostra ficou dividida em 85% composta por participantes do sexo feminino (168) e 15% do sexo masculino (30), o que corresponde ao perfil da profissão. A distribuição por região ficou com concentração no sul (33%) e no sudeste (32%), distribuindo-se como na imagem:

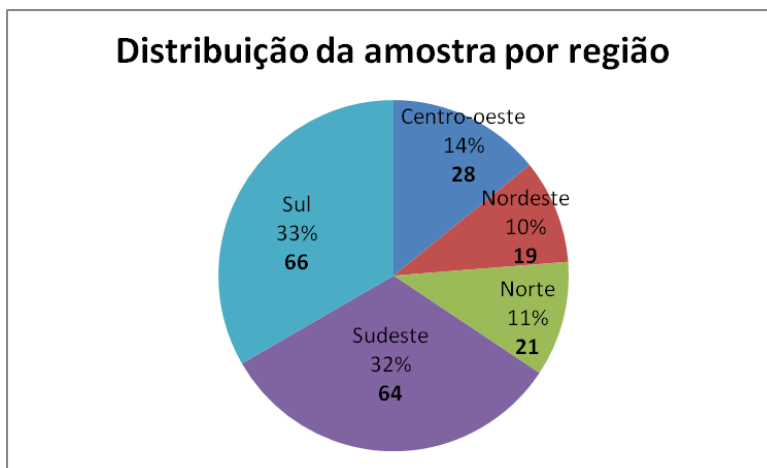


Figura 2: Distribuição da amostra por região em % e em números absolutos de participantes

Quanto à formação em Gestalt-terapia, 85% dos participantes informaram ter feito algum tipo de formação em Gestalt-terapia, enquanto 15% responderam negativamente à pergunta:



Figura 3: Informação acerca da formação em Gestalt-terapia dos participantes

Instrumento

O questionário utilizado foi uma adaptação do autoquestionário “Core Dimensions of Spirituality” (Hardt, Schultz, Xander, Becker & Dragan, 2012), validado em pesquisa desenvolvida na Polônia e na Alemanha, e foi escolhido por apresentar quatro dimensões da espiritualidade de forma bastante objetiva, favorecendo o alcance do objetivo proposto anteriormente. Destaca-se que os autores do estudo original afirmam que as quatro dimensões apresentadas não são suficientes para abarcar toda a complexidade do termo espiritualidade.

Para o levantamento de informações foram utilizados formulários *online* a fim de facilitar o contato com os participantes. Cabe salientar que a escolha por documentos virtuais apresenta pelo menos dois outros benefícios: o cuidado ecológico e a redução de custos da pesquisa com materiais de coleta. Como contraponto, porém, há o fato de ainda não se saber claramente quais diferenças são apresentadas em dados coletados via internet e por outros meios. A ferramenta de coleta (Apêndice II) estava estruturada em três partes: 1) o Termo de Consentimento Livre Esclarecido virtual, obrigatório para seguir para a segunda parte do questionário; 2) uma parte que buscava dados sociodemográficos dos participantes, incluindo um item com as dez religiões mais frequentes no Brasil, uma pergunta aberta e outra fechada; e 3) questionário “Core Dimensions of Spirituality” desenvolvido no trabalho de Hardt et al.⁹ (2012) e adaptada para o português brasileiro pelos pesquisadores (Apêndice III).

Destacamos que o questionário original é de língua inglesa, sua tradução foi feita livremente pelos pesquisadores com colaboração de três voluntários professores de língua inglesa. Após as três traduções, optamos arbitrariamente pelas assertivas que mais julgamos claras. Mesmo reconhecendo o viés de que alguns termos específicos podem ter significados levemente diferentes do original, acreditamos que isso não comprometeu os objetivos da pesquisa de maneira geral. O questionário era composto por 20 assertivas, no formato Likert variando de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente), divididas em 4 dimensões fundamentais da espiritualidade: a) Crença em Deus; b) Busca de sentido; c) *Mindfulness*; d) Sentimento de segurança.

A pergunta aberta questionava ao participante “Como você define espiritualidade?”, abrindo espaço para este discorrer sobre o assunto. Além desta, havia a pergunta fechada, “Temas

⁹ A utilização do questionário foi devidamente autorizada pelos autores do estudo original via contato por e-mail (c.f. Apêndice IV)

relacionados à espiritualidade já compareceram no seu trabalho enquanto psicoterapeuta?” podendo, para esta, o participante responder apenas “sim” ou “não”.

Resultados

Primeiramente foi realizada uma leitura quantitativa das respostas válidas dos participantes. As 198 respostas continham 6.050 palavras, com 33.845 caracteres (com espaços) e 27.955 (sem espaços), e estavam organizadas em 378 construções frasais. As palavras mais recorrentes foram organizadas na tabela abaixo:

Tabela 1
Palavras mais frequentes nas respostas dos informantes

Palavras	Frequência de repetições
Espiritualidade	103
Ser	52
Vida	43
Deus – Fé	41
Energia	39
Forma – Contato	27
Mundo	25
Humano – Força	23
Crença	22
Conexão	21
Natureza	20
Transcendente – Relação - Religião – Existência	18
Superior – Parte – Pessoa – Universo – Tudo	17
Humana	16
Busca	15

Foram excluídas da tabela as palavras das classes de pronomes relativos (“que”, 268 vezes), conectivos como “com” (155 vezes), artigos indefinidos “uma” (110 vezes) e “um” (66

vezes), e afins. Dando-se prioridade para substantivos, adjetivos e verbos como os apresentados na tabela acima.

Quanto à pergunta que indagava “Temas relacionados à espiritualidade já compareceram em seu trabalho como psicoterapeuta?”, 89% dos participantes responderam afirmativamente:



Figura 4: Informação acerca da formação em Gestalt-terapia dos participantes

A pergunta que indagava sobre a afiliação religiosa dos participantes apresentou as respostas: “Católica” (62 respostas), “Outros” (61 respostas) “Espírita” (41 respostas) com as três maiores frequências. Ateus e agnósticos somaram 24 respostas.

Como dito anteriormente, o questionário “Core Dimensions of Spirituality” (Hardt et al., 2012) está subdividido em quatro dimensões. Os dados coletados com este instrumento foram organizados seguindo estas dimensões, sendo cada dimensão apresentada composta por 5 (cinco) assertivas, como é possível visualizar abaixo:

DIMENSÃO 01 - CRENÇA EM DEUS

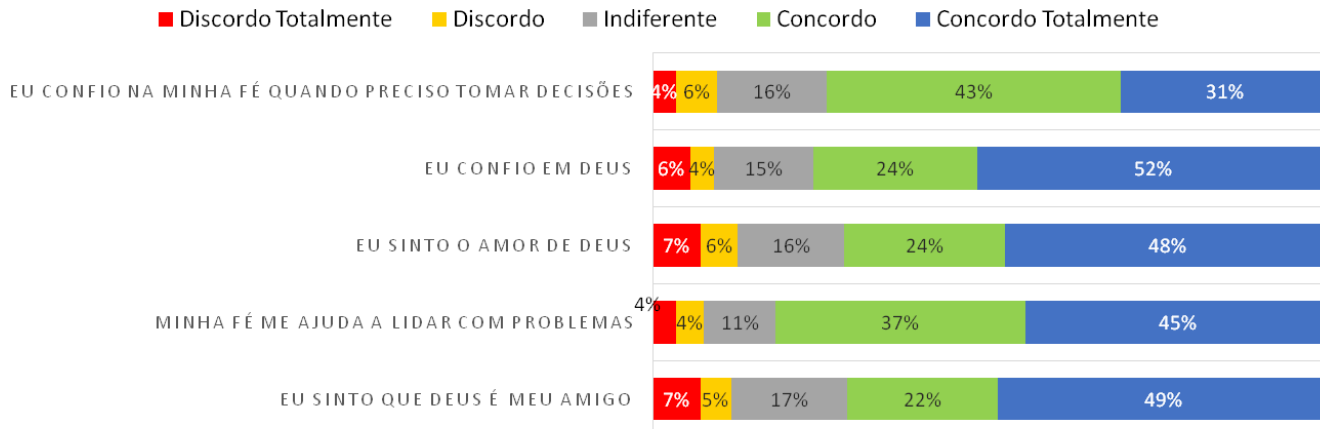


Figura 5: Dimensão 1 do questionário – Crença em Deus

Na dimensão 1 – Crença em Deus – as alternativas do questionário com “concordo” e “concordo totalmente” obtiveram a porcentagem de respostas entre 70% a 82%, enquanto os índices de “discordo” e discordo totalmente” obtiveram porcentagem entre 8% a 13%, havendo uma alta taxa de concordância quanto a esta dimensão como parte da espiritualidade/religiosidade dos participantes. Esta dimensão aponta para uma alta taxa da “presença” de Deus – como crença, envolvendo confiança, sentimento de amor a Deus – refletindo uma significativa presença da espiritualidade/religiosidade da parte do psicoterapeuta. Esse dado é relevante, tanto por refletir o espectro da religiosidade/espiritualidade como exposto na população em geral, de acordo com o Censo Demográfico de 2010 (IBGE, 2010), que aponta o Brasil como um país na proporção de mais de 90% da população se declarando religiosa, ao passo que apenas 7,4% se declara sem religião.

DIMENSÃO 02 - BUSCA DE SENTIDO

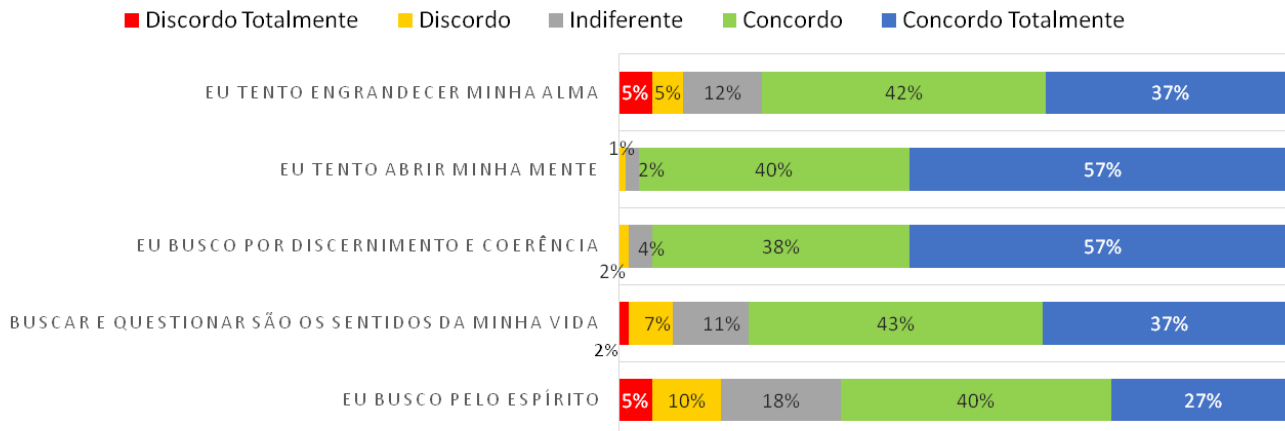


Figura 6: Dimensão 2 – Busca de Sentido

A segunda dimensão do questionário – Busca de sentido obteve para as alternativas “concordo” e “concordo totalmente” índices bastante elevados, entre 67% a 97%. A assertiva com soma de 97% foi “Eu tento abrir minha mente”. As alternativas de “discordo” e “discordo totalmente” obtiveram porcentagens entre 1% a 10%, ficando bastante clara também a importância da dimensão busca de sentido na compreensão da espiritualidade vivenciada pelos participantes.

DIMENSÃO 03 - MINDFULNESS

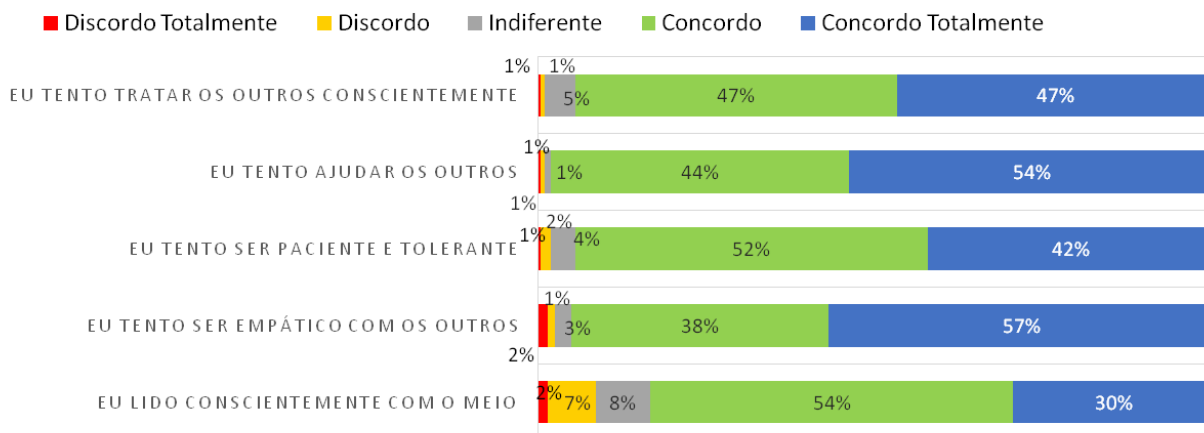


Figura 7: Dimensão 3 – Mindfulness

Na terceira dimensão, *Mindfulness*, a porcentagem de “discordo” e “discordo” totalmente ficou entre 1% a 9%. As respostas com as alternativas “concordo” e “concordo totalmente” ficaram entre 74% e 98%. A assertiva “Eu tento ajudar os outros” obteve menor índice de discordâncias, com 1%, recebendo a porcentagem de 98% para concordo e concordo totalmente. Esta foi a dimensão com menor índice de discordâncias.

DIMENSÃO 04 - SENTIMENTO DE SEGURANÇA

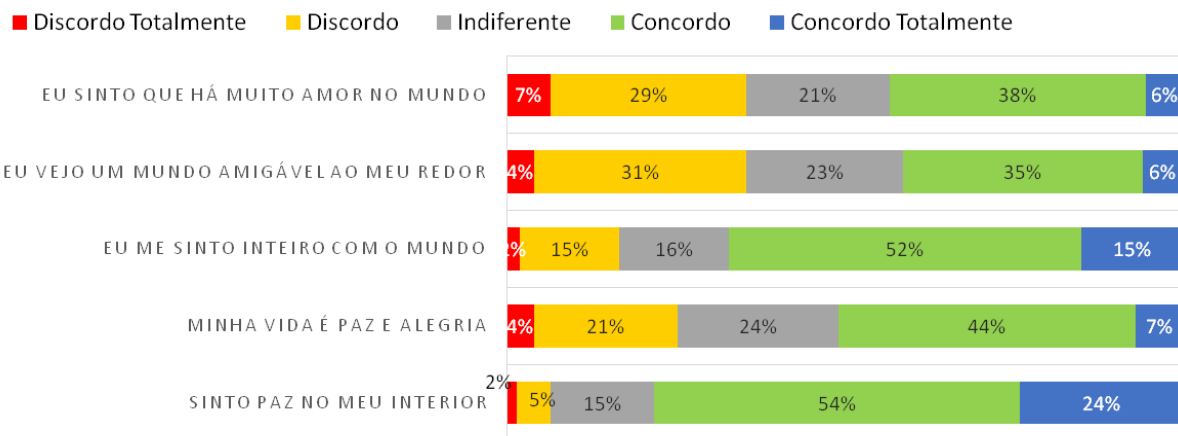


Figura 8: Dimensão 4 – Sentimento de segurança

A quarta, e última dimensão do questionário – Sentimento de segurança – apresentou a maior porcentagem para a alternativa “indiferente”, de 15% a 24% das alternativas, e a menor porcentagem para “concordo totalmente”, variando de 6% a 24%. As opções “discordo” e “discordo totalmente” variaram entre 7% a 36%. Isto mostrou uma grande heterogeneidade na amostra nesta dimensão, diferente do que aconteceu nas outras três dimensões do questionário.

Após a leitura das 198 respostas para a pergunta “Como você define espiritualidade?”, foram organizadas 10 categorias: **1) paralelo entre espiritualidade e religiosidade, 2) espiritualidade indefinida 3) transcendência/metafísica, 4) fé e crença: além da razão, 5) espiritualidade mundana, 6) espiritualidade negativa, 7) busca de sentido, 8) bem-estar, 9) conexão, 10) essência e energia.**

Na primeira categoria, **paralelo entre espiritualidade e religiosidade**, ficaram agrupadas as respostas dos participantes que utilizavam estas conjuntamente as duas compreensões para responder à pergunta, ora diferenciando ambas, ora aproximando os conceitos. A segunda categoria – **espiritualidade indefinida** – foi organizada a partir de uma resposta que afirmava não

definir este conceito, mesmo sendo apenas uma resposta, os autores optaram por destacá-la como categoria. Na categoria 3, **transcendência/metafísica** foram agrupadas as respostas dos participantes que se remetiam especificamente a conceitos de imaterialidade, como alma, Deus e afins, buscando elucidar a compreensão da espiritualidade a partir destas noções de transcendência. A quarta categoria – **fé e crença: além da razão** – explicitavam respostas em que ora os participantes referiam-se a fé ou a crença como parte de um processo incompreensível pela razão, estando próximo de uma sensação inexplicável. A categoria 5 – **espiritualidade mundana** – foi constituída a partir de respostas que se afastavam da categoria 3, compreendendo a espiritualidade a partir de uma materialidade e corporeidade. A categoria 6 – **espiritualidade negativa** – alocou respostas que compreendiam a espiritualidade como algo negativo à humanidade, compreendendo-a, por exemplo, como instrumento de opressões e afins. Na sétima categoria – **busca de sentido** – a espiritualidade foi compreendida como elemento que doava sentido à existência dos participantes e os ajudava a enfrentar situações difíceis (coping religioso/espiritual). A antepenúltima, e oitava, categoria – **bem-estar** – reuniu as compreensões da espiritualidade opostas à categoria 6. Nesta categoria ficaram agrupadas as respostas que compreendiam a espiritualidade como fator que proporciona bem-estar na vida humana. A nona categoria – **conexão** – foi estruturada com as compreensões acerca da espiritualidade como sentimento de conexão, tanto conexão com o Divino/Sagrado, quanto com outros seres humanos e/ou com o mundo. Na décima, e última categoria – **essência e energia** – os pesquisadores organizaram as respostas que compreendiam a espiritualidade ora como uma essência que compõe a vida humana, ora como fluxo de energia.

A seção “discussão” a seguir apresenta alguns excertos retirados das respostas dos participantes que justificam mais claramente a organização das categorias mencionadas acima. Além disso, na seção seguinte as categorias são relacionadas com as dimensões contidas no questionário utilizado, buscando uma compreensão total do tema.

Discussão

No que tange à frequência das palavras nas respostas, vale destacar que a primeira delas (“espiritualidade”, 103 repetições) apresentou quase o dobro da frequência da segunda colocada (“ser”, 52 repetições). Isto provavelmente se deu por os participantes utilizarem uma forma dire-

ta de resposta em suas construções frasais, incluindo trechos da própria pergunta no início das respostas que construía.

Outro destaque importante é que, caso fossem consideradas apenas as palavras que seguiram com alto índice de repetição, sem suas asserções, poder-se-ia facilmente encaixá-las nas dimensões contidas no questionário “Core Dimensions of Spirituality” ficando distribuídas, por exemplo, da seguinte maneira: *Crença em Deus* (“Deus”, “Fé”, “Crença”, “Transcendente”, “Religião” etc.), *Busca de sentido* (“Ser”, “Busca”, “Existência”, etc.); *Mindfulness* (“Contato”, “Mundo”, “Relação”, “Pessoa”, “Humana” etc.), e *Sentimento de segurança* (“Tudo”, “Força”, “Energia” etc.). Este dado é relevante por demonstrar que, mesmo em outro contexto cultural, o questionário de Hardt e seus colaboradores parece contemplar dimensões que categorizam uma parte significativa da experiência espiritual/religiosa humana, mostrando-se como uma ferramenta bastante interessante que merece novos estudos em solo brasileiro com o devido ajuste. Optou-se neste estudo, porém, em manter categorias para além das propostas no questionário de “Core Dimensions of Spirituality”, explorando a riqueza dos dados, sem necessidade de encaixá-los forçadamente em categorias prévias.

À pergunta que indagava sobre o tema espiritualidade já ter emergido durante atendimento psicoterapêutico, encontramos um total de 89% de respostas afirmativas, sendo este dado uma confirmação da importância de trabalhos como este em que se discute a interface espiritualidade/religiosidade e a clínica psicológica. Devido à amostra ter sido composta especificamente por gestalt-terapeutas, não é possível generalizar os dados para além deste grupo, porém esse índice de resposta parece apontar na direção de uma inclusão das discussões sobre a temática espiritualidade/religiosidade na formação destes profissionais.

Quanto à afiliação religiosa, foi possível perceber que a religião católica foi a mais frequente (31% dos participantes), o que coaduna com dados de censos sociodemográficos brasileiros que apontam o catolicismo como religião mais frequente no Brasil. Contudo, vale destacar que a opção “Outros” ocupou segundo lugar (30% dos participantes). Quando o informante marcava a opção “Outros”, o questionário abria um campo para que estes o preenchessem com mais informações. Entre as respostas que foram preenchidas, destacam-se algumas que chamaram atenção dos pesquisadores, como as que apresentavam um forte sincretismo religioso:

Judia não religiosa com identificação parcial com o Budismo (P18)

Uma mistura de tudo (P24)

Católica pela família (batizada, casada na igreja católica) Mas, atualmente frequento um centro espírita e me sinto muito bem. Não consegui me definir entre católica ou espírita. (P80)

Xamanismo – Catolicismo (P105)

Aprecio religioes, porem nao sigo nenhum doutrina especifica. As que mais aprecio e conheço um pouco são: Budismo, Espírita, Judaísmo e Umbanda.(P134)

Não sigo uma única religião. Acredito nos ensinamentos espíritas, mas não frequento nenhum centro. Me identifico muito com a visão de mundo dos budistas. (P159)

agnóstica mas acredito em alguns conceitos do budismo e espiritismo (P197)

Enquanto outras justificavam a marcação da categoria “Outros” falando sobre a crença em algo transcendente, mesmo que fora de instituições e espaços religiosos, como:

acredito em Deus (P5)

Tenho religiosidade, mas não sigo nenhuma religião. Pratico Meditação. (P29)

Não tenho nenhuma doutrina religiosa, embora acredite ue exista uma natureza que nos acolhe e possibilita estarmos vivos (P124)

não sigo nenhuma religião, mas acredito em Deus.(P135)

Deus fora de qualquer instituição (P184)

Esse destaque à vivência de uma espiritualidade fora de espaços religiosos institucionalizados (como igrejas e templos) também emergiu em diversas respostas dos participantes para a pergunta “Como você define espiritualidade?”. As respostas para esta pergunta foram divididas em 10 categorias, como citado anteriormente. Vale a pena destacar que os que se declararam adeptos ou partícipes de uma religião representam o maior contingente, caminhando na direção contrária da ideia de uma psicologia exercida sob a égide do laicismo.

A primeira categoria foi “**paralelo entre espiritualidade e religiosidade**”. Como asserção exemplificadora desta categoria, destaca-se:

A espiritualidade é algo intrínseco ao ser humano e independe de religião. É o modo como o indivíduo lida com o seu lado místico. Místico no sentido de mistério. E aquilo que cada um intui existir e que se tem como sagrado, independente da religião seguida. A espiritualidade tem elementos que são comuns a todas as religiões como amor, respeito ao próximo, estado orante entre outros. Porém, cada religião o vive de acordo com seus ritos e crenças. (P70)

Este paralelo encontrado nas respostas vai em direção à dificuldade apresentada por teóricos e pesquisadores das áreas de ciências da religião, psicologia da religião e afins, que por vezes superpõem os conceitos ou os utilizam de maneira similar, dificuldade já explorada em trabalhos como o de Zinnbauer, Pargament & Scott (1999). Talvez devido a esta dificuldade, um partici-

pante afirmou “Não defino espiritualidade” (P111), sendo esta também uma categoria encontrada – **espiritualidade indefinida** – composta apenas por esta asserção.

A **dimensão 1 – Crença em Deus** – do questionário “Core Dimensions of Spirituality” também era composta por asserções nesse sentido, aproximando a espiritualidade à crença em entidades superiores e/ou Deus. Para Hardt et al (2012), autores da escala, esta dimensão representa a concepção ocidental de espiritualidade, vinculando-a a estas crenças que envolvem a transcendência. As respostas dos participantes nestas asserções apresentaram altos índices positivos quanto a elas: a opção “concordo” com índice de 24% a 43% e a opção “concordo totalmente”, com índices de 31% a 52%, representando a maior parte das respostas.

Nesta direção, a espiritualidade como “**transcendência/metafísica**” emergiu como uma terceira categoria nos discursos dos participantes, como é possível perceber nesta resposta:

É a percepção, compreensão e crença de haver algo maior do que todos os seres terrenos e que conduz a todos os que nisso acreditam a exercer atitudes em favor do bem e na certeza de que sempre haverá uma solução possível através de uma intervenção desta força maior. Crer em Deus, crer em energia positiva, crer na existência de espíritos são formas de demonstrar que existem configurações que produzem energia, força e motivação para que todos possam fazer algo. (P167)

Historicamente é possível buscar algumas compreensões nesta direção. As concepções contidas em construtos como “alma”, “mente”, “psique” e alguns correlatos datam da Grécia antiga e influenciaram grandemente a cultura ocidental, como afirmam Castro & Landeira-Fernandez (2011), incluindo no rol destas influências as religiões judaico-cristãs que se apropriaram desses conceitos para compreender uma transcendência espiritual. Assim, parece que espiritualidade como transcendência evidencia uma dicotomia “corpo” *versus* “mente”, também herança greco-romana, supervalorizando experiências extracorpóreas. Apesar de a teoria gestáltica enfatizar a importância de uma compreensão organísmica, pautada na proposta de Kurt Goldstein, em vez da clássica dicotomia mentalista cartesiana, as respostas encontradas nesta categoria parecem demonstrar que a cisão entre corpo e alma, físico e metafísico, ainda é bastante presente entre parte dos gestalt-terapeutas participantes do estudo.

Elegeu-se como quarta categoria, “**fé e crença: além da razão**”, contendo asserções que discutiam como a espiritualidade envolve estes dois elementos e uma especificidade de ser incognoscível. Esta categoria se aproximava bastante da anterior, contudo possuía uma polaridade mais subjetiva, focada nos polos “razão” e “fé”, como no excerto:

Capacidade de transcender o mundo puramente racional e acreditar em uma força, uma energia, que vai além do que se explica pela lógica. É algo mais sentido do que pensado. (P133)

O conceito de fé é definido pelo teólogo Libânio (2004) como “ato pelo qual nos entregamos numa atitude de confiança, a uma realidade ou a alguém” (p.10). O autor afirma que existem pelo menos cinco “tipos” de fé (humana, teológica, religiosa, cristã e eclesial), destacando que esta é uma “experiência humana fundamental” (p.12). Vale um destaque: Yontef (1998, p.152) afirma que é preciso ter uma certa “fé”, aqui entendida como uma “crença” ou “confiança” como gestalt-terapeuta, de que a existência, a autorregulação orgânica e as experiências que compõem o fundo dos vividos oferecerão recursos aos que buscam psicoterapia. Esta concepção de “fé” apresentada por Yontef, como requisito para ser gestalt-terapeuta, enquadra-se na fé humana proposta por Libânio, sendo este outro ponto interessante que mereceria estudos posteriores acerca da fé do gestalt-terapeuta.

Apesar de esta ser a forma mais comum de pensar a espiritualidade, a quinta categoria “**espiritualidade mundana**” trouxe uma compreensão que alocava respostas que por vezes questionavam esta transcendência e apresentavam a espiritualidade a partir de uma ótica diferente. Como nestas asserções:

Espiritualidade possui definições diversas, é algo amplo. Como atéia, não atribuo esse tema a nada superior, nenhuma entidade ou instância diferente do humano. Posso ver a espiritualidade como o lado emocional do homem, as energias que ele demonstra em grupo, e a empatia que estabelece com outros homens. (P72)

Aspecto da personalidade humana que o permite dar um sentido para o seu existir. (P86)

A afirmação de P72 merece um destaque. É comum a compreensão de que pessoas ateias ou que se dizem “não religiosas” não possuem qualquer tipo de espiritualidade, o que é questionado pela fala da participante. Apesar disso vale a diferenciação dos conceitos, segundo Saad, Masiero e Battistella (2012), a diferença é que:

Espiritualidade é aquilo que dá sentido à vida, e é um conceito mais amplo que religião, pois esta é uma expressão da espiritualidade. Espiritualidade é um sentimento pessoal, que estimula um interesse pelos outros e por si, um sentido de significado da vida capaz de fazer suportar sentimentos debilitantes de culpa, raiva e ansiedade.

Esse pensamento coaduna com o de Worthington Jr. e Aten (2009), que propõem uma compreensão da espiritualidade em quatro dimensões: religiosa, humanista, natural e cósmica (p.124, *tradução nossa*), aproximando-se de uma compreensão antropológica da espiritualidade. Outras asserções que denotam esta ideia de “espiritualidade antropológica” são:

(...) Outros podem ter sua espiritualidade de outra forma.. dissociada da religiosidade. (P20)

(...) O que convencionamos chamar de Deus, se mostra em experiências profundas com outras pessoas e com o mundo (P116)

Estas asserções parecem fazer emergir a compreensão de uma espiritualidade presente na conexão com o concreto, material e corpóreo, sem transcendência ou ligação com entidades superiores. Nesse sentido, alguns participantes também definiram espiritualidade referindo-se a esta como fator “biopsicosocioespiritual” do ser humano que compõe nossas experiências, trazendo assim uma compreensão da espiritualidade como dimensão humana. Também houve respostas que definiram espiritualidade a partir de conceitos gestálticos, trazendo esta concepção humana:

Como mais um caminho para ampliar awareness, nos ajudar a temos mais qualidade em tudo na vida. (P112)

A aparição de termos técnicos da área gestáltica nos discursos não é ingênua, sendo bastante central, por exemplo, a discussão acerca do conceito de *awareness* na Gestalt-terapia. Perls, Hefferline & Goodman (1951/1997) afirmaram que “a *awareness* caracteriza-se pelo contato, pelo *sentir* (sensação/percepção), pelo *excitamento* e pela formação de *gestalten*” (p.33). É comum também a compreensão do termo como um fluxo de consciência total, englobando as diversas dimensões humanas. Apesar da literatura clássica gestáltica não incluir a dimensão espiritual neste conceito, algumas das respostas dos participantes parecem apontar na direção de que sim, a dimensão espiritual compõe a *awareness*, compondo, portanto, o rol de experiências dos indivíduos e sendo a espiritualidade um meio para ampliá-la.

O questionário “Core Dimensions of Spirituality” apresentava a **terceira dimensão, *Mindfulness***, que incluía a “percepção consciente de pessoas e do meio” (Hardt et al, 2012, p.121). Das quatro dimensões, esta foi a que apresentou menor resultado de discordância entre os

Gestalt-terapeutas participantes, com a opção “discordo totalmente” com índices entre 1% a 2% e “discordo” com índices de 1% a 7%. Isto talvez se dê pela forte influência do conceito de *awakeness*, como mencionado anteriormente, dentro da abordagem e daqueles que a praticam/vivenciam. Uma vez que esta conceituação propõe exatamente o processo de conscientizar-se tanto de si quanto do outro, isto pode ter sido um fator que influenciou neste resultado.

Três respostas apresentaram uma compreensão que qualificava a **espiritualidade negativa**, sendo esta a sexta categoria encontrada. Como asserção exemplificadora, elegemos a do participante 81:

Em nossa cultura, como algo desnecessário, que manipula a mente das pessoas. Serve como consolo para aguentar a vida, mas penso que todos poderiam viver sem "espiritualidade", baseando sua força, crença e sentido existencial na própria humanidade, acreditando na vida aqui na Terra e no ser humano. (...). (P81, grifos nossos)

Apesar de essas respostas corresponderem a apenas 1,5% do total dos dados coletados, fica evidente uma generalização inconsequente acerca da espiritualidade como algo negativo a partir de uma única perspectiva. De fato, por vezes a postura religiosa/espiritual rígida pode trazer comportamentos irrefletidos e um senso de aprisionamento do indivíduo, contudo isto não é condição *sine qua non* do que for espiritual/religioso. O participante tenta buscar na diferenciação dos conceitos entre espiritualidade e religiosidade uma justificativa para seu posicionamento, quando finaliza sua resposta:

Lembrando que aqui no Brasil se confunde os conceitos de espiritualidade e de religiosidade. Se vive a espiritualidade de forma religiosa. Para mim, transcender no sentido da espiritualidade é enxergar o outro, transcender a si mesmo, ultrapassar o individualismo, e não seguir a uma religião e seus rituais enebriantes. (P81)

Neste trecho, apesar das duras críticas mencionadas anteriormente, há um apelo por um mundo menos individualista e que possibilite “transcender a si mesmo” e considerar a experiência de outras pessoas, parecendo denotar uma compreensão bastante otimista e positiva para uma dimensão espiritual na vida dos seres humanos. Assim, parece haver ao mesmo tempo uma polaridade que critica a espiritualidade/religiosidade institucionalizada e outra que a compreende como importante quando esta é experiencial/vivida. Vale o destaque de que o participante em questão se intitulava ateu no momento da pesquisa.

A sétima categoria foi intitulada “**busca de sentido**”. Nesta categoria foram incluídas as respostas que consideravam a espiritualidade como algo que dá sentido à existência humana. Como asserção exemplificadora, destaca-se:

Espiritualidade é uma necessidade humana de sentido (...) O ser humano necessita preencher os vazios da vida, pois a angústia é um afeto extremamente difícil de enfrentar. Dentre tantas possibilidades que podem dar sentido à vida estão as práticas espirituais que precisam ser respeitadas de acordo com a escolha de cada um, desde que não se coloque ou coloque outros em risco. É necessário um discernimento ético. (P145)

A **dimensão 2 – Busca de sentido** – do questionário “Core Dimensions of Spirituality” era composta por asserções nessa direção. As respostas dos participantes neste item mostram o quanto os participantes compreendem a espiritualidade como esta busca. As cinco assertivas desta dimensão do questionário apresentaram os índices de “concordo” entre 38% a 43% e os itens “concordo totalmente” entre 27% a 57%. Hardt et al (2012) citam Viktor Frankl como o responsável por trazer ao campo da psicoterapia a discussão acerca desta busca de sentido. Tanto as respostas do questionário aberto quanto fechado parecem sinalizar como a espiritualidade tem um papel bastante central nessa busca. Em Gestalt-terapia é comum a discussão acerca de conceitos como o vazio fértil e como a vivência deste vazio pode ser transformadora e permitir que novos sentidos apareçam a partir desta experiência.

Na leitura de Hardt et al (2012), a dimensão 2 – Busca de sentido – englobaria também a espiritualidade como enfrentamento de situações difíceis. Algumas respostas dos participantes apontaram compreender a espiritualidade dessa forma. Assim, é possível pensar uma subcategoria “*enfrentamento (coping espiritual/religioso)*” na sétima categoria apresentada. Duas asserções que justificam esta subcategoria são:

Para mim espiritualidade é uma função que proporciona apoio e suporte ao indivíduo. Por meio da espiritualidade podemos atingir crescimento, respeito ao próximo e evolução enquanto seres humanos. (P67, grifos nossos)

Defino espiritualidade como uma força que move e transforma o ser humano. É o principal suporte para enfrentar situações difíceis. (P130, grifos nossos)

Pargament (1997) define *coping* como a “busca de sentido em tempos de estresse” (p.91, tradução livre) e constrói a partir disso uma compreensão de *coping* religioso, quando as pessoas utilizam a religião como forma para enfrentar o estresse. Panzini & Bandeira (2007) retomam os

escritos de Pargament e outros teóricos da área e discutem a compreensão do *coping* (enfrentamento) religioso/espiritual. Essa compreensão da espiritualidade como enfrentamento é bastante interessante para o trabalho clínico. As respostas acima citadas mostram que não somente os participantes reconhecem esse suporte vindo da religião/espiritualidade, como também destacam a importância do respeito a essa forma de lidar com situações-problema.

Como oitava categoria das respostas emergiu a compreensão da espiritualidade como “**bem-estar**”. Os participantes afirmaram compreender espiritualidade como:

Capacidade de estar em contato e em harmonia com o seu interior. (P94)

Momento de encontrar paz interior. (P123)

Espiritualidade é fenômeno global onde cada ser, à sua maneira, se conecta com sua fé, agregando princípios e valores que visam contribuir para um estado de bem-estar interior. (P115)

Por mais que haja críticas à religião quando esta adota posturas rígidas e inflexíveis, como comentam Moreira-Almeida, Lotufo Neto e Koenig (2006) ao discutirem sobre religiosidade e saúde mental, ficou evidente em diversos trechos dos dados analisados a compreensão da espiritualidade/religiosidade como algo positivo na vida humana, trazendo esta concepção de bem-estar. Outra asserção que assegura claramente isto é:

(...) Entendo que, na maior parte das vezes, uma pessoa alimenta a sua espiritualidade por se sentir bem com isso, por encontrar algum benefício para sua própria vida. (P159)

Esta categoria se aproximou da **dimensão 4 – Sentimento de segurança** – do questionário “Core Dimensions of Spirituality”. Nesta dimensão, Hardt et al (2012) alocaram os sentimentos de segurança e de confiança no mundo, de sentir-se em casa no mundo. Esta dimensão foi a que apresentou maior discrepância na distribuição dos dados, havendo uma distribuição bastante interessante nas assertivas. Os índices de “discordo” variaram entre 5% a 31%, os índices de “concordo” entre 35% a 54% e os índices de “concordo totalmente” entre 6% a 24%. Nenhuma das outras três dimensões ficou tão distribuída.

A nona categoria foi construída a partir da compreensão da “**espiritualidade como conexão**”. As asserções escolhidas para ilustrar esta categoria foram:

Espiritualidade é a capacidade de estar conectado com você, a natureza e seu entorno. (P25)

Conexão com a força criadora do universo. (P66)

É a vivência, em simultaneidade com todas as outras dinâmicas, da dinâmica do absoluto. É a conexão plena com o universo. (P105)

Relação consigo mesmo em ligação com o mundo e com a natureza. (P114)

Curiosamente, a ideia de “**conexão**” está bastante arraigada à etimologia da palavra religião compreendida como uma ligação humana com um Deus superior. Apesar de não haver consenso na etimologia da palavra, há teóricos que compreendem a sua origem a partir dos termos *religio*, *relegere* e *religare* como afirma Azevedo (2010), e esta concepção de ligação consigo e com o mundo mostrou-se bastante presente na compreensão da espiritualidade pelos participantes.

A décima categoria emergente a partir dos dados foi “**essência e energia**”. A asserção ilustrativa desta categoria foi:

Espiritualidade pra mim é uma energia que vai além da energia física. Energia da alma que nos mantém vivos. É o que nos liga a algo que não tocamos. Uma força que não temos controle. Algumas pessoas podem dizer que é a energia da natureza, do planeta, de Deus etc. Não importa o nome. Penso que, quando estamos ligados a esta energia deixando-a fluir nos acontecimentos da vida, podemos lidar melhor com os resultados. (P64)

Foi interessante perceber como a fala do participante segue no sentido do exposto anteriormente de que não importaria se a energia é compreendida/sentida a partir de uma concepção de Deus, de natureza, de planeta ou humana, mas esta seria uma energia existente em todos.

Estas 10 categorias, embora ora polares entre si, como **espiritualidade negativa e bem-estar**, ou ainda, **transcendência/metafísica** e **espiritualidade mundana**; e ora mais alinhadas como no **paralelo entre espiritualidade e religiosidade** e com **espiritualidade indefinida**, por exemplo, foram bastante ricas em informações e contrapontos. A diversidade presente nas categorias mostrou a dificuldade em reuni-las e afirmar categoricamente como a espiritualidade é pensada pelos Gestalt-terapeutas participantes do estudo. Por outro lado, algumas compreensões foram possíveis como as apresentadas nesta seção.

Recorrendo à Psicologia da Gestalt, é possível afirmar ainda que estas *partes* – categorias e dados do questionário – deram sentido a uma *totalidade* compreensiva acerca da espiritualidade para estes Gestalt-terapeutas. A complexidade do tema ficou explícita pelos diversos posicionamentos apresentados, porém permitiu que o olhar para o tema fosse dado a partir de uma perspectiva não apenas individual de determinado teórico ou pequeno grupo, mas que investigasse

uma parcela significativa da comunidade gestáltica brasileira, com 198 participantes desta pesquisa. Apesar da Gestalt-terapia propor uma prática que seja integrativa, compreensiva e aberta à singularidade de cada um, foi possível perceber posturas por vezes contrárias ao que se definiria como sendo o “espírito” da Gestalt, como a rigidez em não aceitar a espiritualidade como dado de humanidade e pensá-la *unicamente* como algo negativo. Não é a prática gestáltica que ensina a substituir “**ou** isso **ou** aquilo” por “isso **e** aquilo” em busca de integração? Esta é uma reflexão importante para qualquer polo desta temática, seja a crença indiscriminada ou a descrença generalizada. Como afirmou uma participante:

Percebo que muitas vezes, confundida com uma simples crença ou pertencimento a uma determinada doutrina religiosa, a espiritualidade é subjugada pelo próprio indivíduo, principalmente por aqueles que discordam de tais instituições (...) Ao abordar o homem sob um olhar holístico, é imprescindível perceber neste a existência da espiritualidade, bem como as formas individuais de vivenciá-la por cada indivíduo. (P177)

A conclusão deste artigo, portanto, torna-se um convite à abertura. Não necessariamente uma abertura pessoal para vivenciar/experimentar/experienciar o espiritual/religioso, mas uma abertura ao respeito pela experiência do outro.

Considerações finais

Falar sobre conceitos de espiritualidade e religiosidade de maneira circunscrita mostrou-se uma tarefa árdua, por vezes os conceitos pareciam se sobrepor e ao mesmo tempo se diferenciar. Esta sensação foi confirmada ao analisarmos os dados e percebermos que em diversas das respostas fornecidas pelos gestalt-terapeutas participantes isto também acontecia. Além disso, organizar tantos dados qualitativos e quantitativos de forma resumida e conjunta no mesmo processo de compreensão desta temática foi um verdadeiro esforço. Apesar de terem sido utilizados dois instrumentos de coleta diferentes, o autoquestionário adaptado do trabalho de Hardt e colaboradores, e o questionário organizado pelos pesquisadores, foi possível perceber que a compreensão do termo *espiritualidade* em ambos esteve bem próxima, inclusive emergindo categorias bastante semelhantes.

Quanto à formação dos participantes, vale destacar que o fato de 168 dos respondentes ter cursado algum tipo de formação e/ou especialização em Gestalt-terapia aponta para um dado já

mencionado em Holanda & Karwowski (2004) quanto à especialização de Gestalt-terapeutas, cada vez mais buscando aprimoramento técnico-científico na área.

Destacamos para uma situação no processo de tradução do questionário “Core Dimensions of Spirituality”. No trabalho original as opções da escala Likert eram “de forma alguma verdadeiro”, “dificilmente verdadeiro”, “não sei”, “um pouco verdadeiro” e “absolutamente verdadeiro”. Ao passo que no trabalho aqui desenvolvido as opções foram traduzidas entre “discordo totalmente” e “concordo totalmente”, sendo esta uma fraqueza deste trabalho no que diz respeito à aplicação do questionário.

Em vias de encerramentos, vale uma contextualização acerca do surgimento da Psicologia brasileira. Entre 70-82% dos depoentes deste estudo afirmaram ser religiosos, este é um dado bastante rico. Além de o censo demográfico brasileiro apontar em direção semelhante – a maior parte da população brasileira reconhece-se como religiosa – o estudo de Degani-Carneiro & Jacó-Vilela (2012) remonta o cenário histórico nacional e ensina o quanto a implantação da Psicologia no Brasil esteve próxima de instituições religiosas desde seu início. Apesar de toda discussão acerca da dita laicidade do fazer psicológico – por vezes ignorando que este fazer é feito por *pessoas* muitas vezes religiosas – ficou bastante evidente que parte significativa dos profissionais professa uma fé. Assim, mostra-se importante que outras reflexões acerca da espinhosa discussão sobre laicidade e psicologia sejam tecidas.

O tema religiosidade/espiritualidade, apesar de um pouco mais frequente hoje na universidade, ainda é um tema marginal. Marginalidade da qual também sofre a Gestalt-terapia na graduação brasileira em Psicologia. Como é possível inserir esta discussão na formação de novos psicoterapeutas/psicólogos? Quais as repercussões psíquicas de se viver em um mundo cada vez mais dessacralizado, desencantado e cético? Perguntas na direção contrária também são importantes: Quais os impactos de atendimentos realizados por psicoterapeutas espiritualizados/religiosos? Como é a escuta destes psicoterapeutas? Estes são questionamentos que transcendem a abordagem gestáltica e podem tranquilamente serem levados a outros aportes teóricos. Assim, os autores reiteram uma vez mais a importância desta discussão não somente em pesquisas futuras, mas como parte da formação de outros profissionais da área e áreas afins.

Referências

- Azevedo, C. (2010). A procura do conceito de Religio: entre Religere e Religare. *Religare*. Programa de Pós-Graduação em Ciências das Religiões da Universidade Federal da Paraíba. v. 8, n. 2. 90-96.
- Bardin, L. (1977). *Análise de Conteúdo*. Lisboa, Portugal: Edições 70.
- Brasil. (2002) Classificação Brasileira de Ocupações. Disponível em: <http://www.mtecbo.gov.br/cbsite/pages/saibaMais.jsf>. Visita em 28 de fevereiro de 2014.
- Castro, F. S., & Landeira-Fernandez, J. (2011). Alma, corpo e a antiga civilização grega: as primeiras observações do funcionamento cerebral e das atividades mentais. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 24(4), 798-809. Acesso em 09 de abril de 2015, disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-79722011000400021&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S0102-79722011000400021.
- Degani-Carneiro, F. & Jacó-Vilela, A.M. (2012). Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Diaphora – Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 12 (1), 70-79. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/49>
- Delacroix, J. M. (2009). *Encuentro con la psicoterapia: una visión antropológica de la relación y el sentido de la enfermedad en la paradoja de la vida*. Santiago de Chile: Editorial Cuatro Vientos.
- Giovanetti, J. P. (1999). O sagrado e a experiência religiosa na psicoterapia. In: M. Massimi & M. Mahfoud. *Diante do mistério: psicologia e senso religioso* (pp.87-96). São Paulo: Loyola.
- Gondim, S. M. G., Bastos, A. V. B., & Peixoto, L. S. A. (2010). Áreas de atuação, atividades e abordagens teóricas do psicólogo brasileiro. In A. V. B. Bastos, S. M. G. Gondim & colaboradores, *O Trabalho do Psicólogo no Brasil*. Porto Alegre: Artmed.
- Hardt, J. , Schultz, S. , Xander, C. , Becker, G. & Dragan, M. (2012). The Spirituality Questionnaire: Core Dimensions of Spirituality. *Psychology*, 3, 116-122. doi: 10.4236/psych.2012.31017.
- Holanda, A. (2003b). Pesquisa fenomenológica e psicologia eidética: elementos para um entendimento metodológico. In: Bruns, M. A. T. & Holanda, A. F. (Orgs.), *Psicologia e fenomenologia: reflexões e perspectivas* (pp.35-56). Campinas: Alínea.

- Holanda, A. & Karwowski, S. (2004). Produção acadêmica em Gestalt-terapia no Brasil: análise de mestrados e doutorados. *Psicologia: Ciência e Profissão*, 24(2), 60-71. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1414-98932004000200008&lng=en&tlng=pt. 10.1590/S1414-98932004000200008.
- Holanda, A. F. (2012). Reflexões sobre o campo das psicoterapias: Do esquecimento aos desafios Contemporâneos. In : Holanda, A. F. (org). *O campo das Psicoterapias*. Editora Juruá.
- IBGE (2010). *Censo Demográfico 2010*. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.
- Ingersoll, R. E. (2005). Gestalt therapy and spirituality. In A. Woldt & S. Toman (Eds). *Handbook of gestalt therapy* (pp. 133-150). New York: Sage.
- Libânio, J, B. (2004). *Fé*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Maslow, A. H (1962). *Introdução à Psicologia do Ser*. Trad. de Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Eldorado, 279p.
- Moreira-Almeida, A.; Lotufo-Neto, F.; Koenig, H. G. (2006). Religiousness and mental health: A review. *Revista Brasileira de Psiquiatria*, 28, 242-250.
- Panzini, R.G.; Bandeira, D.R. (2007). *Coping* (enfrentamento) religioso/espiritual. *Rev. Psiquiatria Clín.* 34, supl 1; 126-135.
- Pargament, K. I. (1997). *The Psychology of religion and coping. Theory, research, practice*. New York: The Guilford Press.
- Peres, J. F. P., Simão, M. J., & Nasello, A. G. (2007). Espiritualidade, religiosidade e psicoterapia. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 34, 136-145.
- Perls, F.; Hefferline, R., & Goodman, P. (1997). *Gestalt-terapia* (2a ed.). São Paulo: Summus (Original publicado em 1951).
- Pinto, Ê. B. (2008). As Ciências da Religião, a Psicologia da Religião e a Gestalt-terapia: em busca de diálogos. *Revista da Abordagem Gestáltica* (Impresso), v. 14, p. 70-79.
- Prestrelo, E. T., & Quadros, L. C. T. (2011). A Abordagem Gestáltica na universidade: desafio, construção, possibilidades... *Revista IGT na Rede*, V.8, Nº 15. Página 183 de 184 Disponível em <http://www.igt.psc.br/ojs/ISSN1807-2526>
- Polster, E., & Polster, M. (2001). *Gestalt-terapia integrada*. São Paulo: Summus (Obra original publicada em 1973).

- Ribeiro, J. P. (2009). *Holismo, Ecologia e Espiritualidade: Caminhos de uma Gestalt plena*. São Paulo: Summus.
- Saad, M., Masiero, D. & Battistella, L. (2001). Espiritualidade baseada em evidências. *Acta Fisiológica* 8(3):107-112, 2001
- Soares, L. L. M. (2009). A Gestalt-terapia na universidade: da f(ô)rma à boa forma. *Estudos e Pesquisas em Psicologia*, 9(1) Recuperado em 09 de abril de 2015, de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812009000100012&lng=pt&tlng=pt. .
- Veras, R.P. (2005) Iluminação: diálogos entre a Gestalt-terapia e o Zen-Budismo. 172f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo.
- Williams, L. (2006). Spirituality and Gestalt: A Gestalt-Transpersonal Perspective. *Gestalt Review*, 10 (1), 6-21.
- Yontef, G. M. (1998). *Processo, Diálogo e Awareness: ensaios em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus.
- Worthington, E.L. & Aten, J.D. (2009). Psychotherapy with religious and spiritual clients: An introduction. *Journal of Clinical Psychology*, 65, pp. 123–130.
- Zinnbauer, B. J., Pargament, K. I., & Scott, A. B. (1999). The emerging meanings of religiousness and spirituality: Problems and prospects. *Journal of Personality*, 67, 887-919. Disponível em http://www.psychology.hku.hk/ftbcstudies/refbase/docs/zinnbauer/1999/67_Zinnbauer_et_al1999.pdf. Acesso em 17 de outubro de 2014.

ENTRELAÇAMENTOS E REFLEXÕES

A leitura dos escritos de Perls mostrou uma forma relativamente ambígua de se apropriar do tema espiritualidade/religiosidade: ora entendida como religião estabelecida ou institucionalizada, esta vem acompanhada de uma consideração muitas vezes negativa – associada à culpa, repressão, controle – mas também como possibilidade de abertura ou libertação – como quando se aproxima dos estudos e temas orientais – ou até mesmo como suporte de justificativa para algumas de suas apropriações ou ideias – como quando se volta para o Zen Budismo por parecer vinculado a sua herança das ideias de Friedlander chegando a afirmar que o pensamento de Friedlander era o “equivalente ocidental dos ensinamentos de Lao-Tsé” (Perls, 1969/1979, p.76).

De qualquer modo, essa ambiguidade – e exatamente por ser assim – também representa uma abertura e um olhar de diversidade – incluindo mudanças representativas de posição, principiando por críticas ácidas e mordazes (muitas das vezes refletindo certo *status* estabelecido de distanciamento de um “olhar” da ciência *versus* o olhar da religião, o que nos levaria mesmo a supor ter sido esse primeiro momento consequência de toda uma influência ou proximidade do modelo psicanalítico freudiano), até uma aproximação e mesmo experimentação de modalidades religiosas, tanto do ponto de vista social (como suas experiências num *kibutz*), quanto espirituais (os momentos em que frequenta templos budistas no Japão) – o que nos leva a supor que a Gestalt-terapia, inclusive para ser coerente com suas premissas, deve permitir a abertura a essas diversas formas de experiência humanas.

Em muitos casos e em muitos momentos, parece que – tanto Perls, quanto a maioria dos profissionais atuais da Gestalt-terapia – não *reconhecem* o “campo”, ou seja, não lançam um olhar para a realidade que se descortina por detrás dos movimentos sociais e culturais (por um lado) ou explicitamente nas diversas manifestações ou exposições pessoais no contexto clínico (por outro lado). Isto parece refletir uma velha lógica de separabilidade de “campos”, de distinção de “saberes”, apontando para uma posição irrefletida da própria Gestalt-terapia: enquanto defende conceitos e posições como “totalidade”, “holismo” ou “relação”; ignora a repetição de uma posição contraditória, herdada da consolidação do campo “científico”, que desaloja a Religião e a Filosofia de lugares privilegiados de saber e de experiência, colocando-se numa posição distanciada, alheia – e, porque não dizer, alienada – da realidade primeira de seu objeto, o humano, como um sujeito mundano.

Ao mesmo tempo, as análises ou opiniões perlsianas sobre a religião, além de parciais ou comprometidas, são – na maior parte das vezes – desprovidas de uma função reflexiva sobre o próprio sentido ou papel da religiosidade na vida humana. Assim, a ideia de uma “culpa” judaico-cristã ganha contornos de característica de um modelo de religiosidade, mas não diz nada sobre o sentido do sofrimento envolvido nestas relações de culpa, que levam o sujeito teológico à expiação de seus pecados e, conseqüentemente, à “salvação”, como se observa em inúmeras passagens religiosas. Isto, sem dúvida, sem tirar o mérito de uma percepção meramente repressiva ou alienante, verdadeiramente presente em modalidades religiosas as mais diversas, o que aponta para o caráter dialético desta experiência.

Por outro lado, os respondentes – todos profissionais que atuam diretamente com a clínica psicoterápica – não apenas reproduzem o quadro constituído social e culturalmente em nosso país (como atestam os diversos censos demográficos), como reproduzem muitas vezes as mesmas contradições presentes na teoria que se propõem a utilizar como recurso clínico. É o que podemos observar com a presença elevada de aparições de temas relacionados à espiritualidade/religiosidade no seu trabalho clínico (89% dos participantes afirmaram que este tema já havia comparecido no trabalho) ou mesmo pela própria “profissão de fé”, que apontam para 70-82% de crença em Deus. E, ao mesmo tempo, os respondentes apontam para uma dimensão crucial da experiência humana – na qual a religiosidade se associa a transcendência, ao mundano, à busca de sentido, ao bem-estar, à conexão e à “energia” – todos temas compatíveis com as proposições “gestálticas”. Todavia, ainda se observa uma quase total alienação desses temas do cotidiano profissional, levando-nos a supor a necessidade de uma abertura de debates em torno da questão.

Uma das justificativas comuns para esta alienação é a afirmação, muitas vezes irrefletida, do discurso de uma Psicologia laica. A compreensão de uma laicidade é plenamente possível quando circunscrita a um modelo de gerenciamento/administração, como ao que compete à gestão pública do Estado, por exemplo, em que não há (ou ao menos não deveria haver) o favorecimento de um grupo religioso específico, havendo antes disso *um respeito a todos*, no que compete a decisões e deliberações coletivas. Esta polaridade – ou algo é religioso dogmático ou algo é ateu extremista – em nada auxilia as compreensões do fenômeno humano, um dos objetivos da Psicologia. Ainda sobre laicidade e fazer psicológico, deixamos uma indagação: o fato de tantos profissionais das práticas “psi” afirmarem-se religiosos permitir-nos-ia seguir atestando veemen-

temente que as práticas da Psicologia são dessacralizadas, seculares ou “laicas”? Acreditamos que valem novas reflexões.

Outro ponto importante a circunscrever diz respeito à dificuldade tanto dos participantes quanto minha, pesquisador deste estudo, em delinear conceitualmente os fenômenos de “espiritualidade” e “religiosidade”. A literatura especializada da área, como algumas utilizadas neste trabalho na interface entre Ciências da Religião e Psicologia da Religião, já apontam para a difícil tarefa de delimitar estes conceitos e compreendê-los isoladamente. Contudo, não haveria maior compreensão deste tema por profissionais da área caso estivesse inserido na formação do Psicólogo/Psicoterapeuta/Gestalt-terapeuta? As faculdades de Psicologia no Brasil, mesmo tendo em seu surgimento uma aproximação com espaços e doutrinas religiosas – como nos ensinam Degani-Carneiro & Jacó-Vilela (2012) – pouco ou quase nada abrem espaços para essas discussões. São raros cursos de graduação e pós-graduação em Psicologia em solo brasileiro que possuem em sua matriz curricular disciplinas como Psicologia e Religião, como encontrados na Universidade Federal do Paraná e na Universidade de Brasília (Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura), sendo estas disciplinas optativas nos exemplos citados.

Talvez essa não-apropriação do tema espiritualidade/religiosidade pela Psicologia aconteça por uma antiga compreensão de que ciência e religião são como polos magnéticos opostos, repelindo-se mutuamente e exigindo grande força para permanecerem temporariamente próximos. Entretanto, existe uma vasta gama de estudos, como o de Panzini, Rocha, Bandeira e Fleck (2007) que apontam para o poder da fé como um possível fator de cura e de bem-estar frente a situações de adoecimento como as muitas pesquisas sobre *coping* religioso/espiritual por exemplo. Pessini (2007), ao fazer um percurso bastante interessante discutindo a espiritualidade para as ciências e para a saúde, afirma que “o lugar para procurar a espiritualidade é aqui mesmo, em nossas vidas e em nosso mundo, não alhures” (p.188), apontando na direção de que estudos científicos nessa interface não precisam se configurar necessariamente como verdadeiras guerras na tentativa de provar ou refutar a existência de um deus, mas de compreender quais os impactos da espiritualidade/religiosidade na vida das pessoas.

Retornando aos participantes desse estudo, apesar de 198 Gestalt-terapeutas terem sido respondentes não foi possível especificar como se dá o manejo clínico frente à temática da espiritualidade/religiosidade. Temos ferramentas suficientes na Psicologia/Gestalt-terapia para inserir a espiritualidade/religiosidade no trabalho clínico? Mesmo não sendo este o objetivo deste estu-

do, esta é uma reflexão importante na direção de uma compreensão holística da experiência humana e na busca por uma reflexão acerca da prática. Em trabalho sobre a temática da religiosidade e psicoterapia, Neubern (2010) afirma que:

A construção de um contexto terapêutico junto a clientes que possuem experiências religiosas exige que se o cliente as elege em sua vida como uma dimensão central, essa dimensão deve também ser reconhecida em sua importância pelo psicoterapeuta que, dentro de seu papel profissional e sua condição pessoal, pode fazer dela um instrumento poderoso de mudança. (p.271)

As ideias rígidas encontradas nas obras de Perls parecem por vezes não deixar espaço para que Gestalt-terapeutas adotem uma postura como a proposta em Neubern (2010). Contudo, compreender que cada terapeuta é singular, mesmo que compartilhe de uma perspectiva teórica similar, e que novas posições teóricas e práticas são importantes para qualquer teoria que pretenda não se tornar anacrônica e estática possibilita o resgate de uma Gestalt-terapia aberta a reconsiderar suas posições iniciais.

Concluimos este trabalho com a pretensão e o desejo de que este percurso compartilhado, tanto na pesquisa teórica como na pesquisa de campo, possa abrir reflexões acerca da importância do tema espiritualidade/religiosidade – não somente na clínica gestáltica, mas na prática clínica psicológica de uma maneira ampla – e sinalizar a importância de estudos empíricos nesta interface.

Por mais que aqueles que estejam na lida diária do trabalho como psicólogos/gestalt-terapeutas por vezes não se ocupem de distinções teórico-filosóficas acerca de conceitos tão próximos como o da espiritualidade e o da religiosidade, é necessário compreendê-los como parte da existência humana. A baliza para intervenções nessa direção parece-nos que precisa ser sempre pautada em dois aspectos: ética e cuidado. Quando nos referimos à ética não queremos dizer apenas códigos deontológicos de “devo”, “não devo”, “é permitido” ou “é vedado”, mas de uma reflexão crítica que se pautar integralmente no cuidado a quem procura o trabalho psicológico na condição de cliente-paciente-consultante-usuário ou qualquer rótulo que precisemos/queiramos lhe dar. É esse cuidado respeitoso que permite que sejamos convidados a conhecer seus medos, suas inseguranças e seus conflitos, bem como seus recursos, incluindo os recursos espiritu-

ais/religiosos. E uma vez convidados, é o mesmo cuidado que nos permite estarmos juntos numa busca por fechamentos, mesmo que o tema que nos convoque seja do âmbito do espiritual/religioso.

Tudo que é humano é de interesse da Psicologia e certamente a experiência espiritual/religiosa compõe esta humanidade, portanto acolhê-la como possibilidade no trabalho psicológico, clínico ou não, e no campo das pesquisas, parece ser fundamental para uma compreensão realmente holística do ser humano como propõe a Gestalt-terapia ou qualquer abordagem que se proponha a uma visão não segmentada da experiência humana.

Por fim, salientam-se dois movimentos importantes, um *intra* e outro *extra*-teórico: no cerne das teses principais ou dos fundamentos que alicerçam uma Gestalt-terapia, não há nada que desabone ou implique na evitação da inserção do tema espiritualidade/ religiosidade para o seu contexto prático, além de se observar uma pequena, mas paulatina e significativa mudança de posição de Perls em relação ao tema, ao longo de suas obras. Enquanto que do ponto de vista da análise do sujeito em seu contexto – em seu *território* social e cultural – pode-se (ou deve-se) relevar urgentemente as posições religiosas, que ganham cada vez mais espaços no cotidiano (na mídia, na sociedade, na política), enquanto que a ciência psicológica parece se colocar alheia a este movimento.

Sem dúvida são necessárias cada vez mais discussões e pesquisas nesta direção, tanto para reconhecer a realidade empírica que se apresenta diante de nossos olhares e ações, quanto no sentido de orientar reflexões sobre diversidade, representações, ética e moral, que se inserem constantemente em nossos fazeres. Será que um distanciamento do debate desses temas ou o não reconhecimento dessas relações não seria uma posição irresponsável da nossa profissão?

Referências

- Degani-Carneiro, F. & Jacó-Vilela, A.M. (2012). Religião na história da psicologia no Brasil: o caso do protestantismo. *Diaphora – Revista da Sociedade de Psicologia do Rio Grande do Sul*, 12 (1), 70-79. Disponível em: <http://www.sprgs.org.br/diaphora/ojs/index.php/diaphora/article/view/49>
- Panzini, R.G., Rocha, N.S., Bandeira, D.R. & Fleck, M.P.A. (2007). Qualidade de vida e espiritualidade. *Revista de Psiquiatria Clínica (Online)*. 34(Supl.1), 105-115. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-60832007000700014&lng=pt&nrm=iso

- Pessini, L. (2007). A Espiritualidade interpretada pelas ciências e pela saúde. *O Mundo da Saúde*, São Paulo , v.31,n.2 , p.187-195.
- Neubern, M. S. (2010). Psicoterapia e Religião: Construção de Sentido e Experiência do Sagrado. *Interação Psicol.*, 14(2), 263-273.
- Perls, F. (1979). *Escarafunchando Fritz: dentro e fora da lata de lixo*. São Paulo: Summus. (Original publicado em 1969).

Apêndices

Apêndice I - Imagens utilizadas nas mensagens-convites enviadas aos participantes



CONVITE À COMUNIDADE GESTÁLTICA BRASILEIRA

PARTICIPE DA PESQUISA DE MESTRADO DESENVOLVIDA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ!

TEMA
ESPIRITUALIDADE PARA GESTALT-TERAPEUTAS BRASILEIROS/AS

Formulário disponível em
<http://goo.gl/QkaZBa>

Mais informações com os pesquisadores:
Lázaro Castro Silva Nascimento (PPGPSI/UFPR) - lazaroastro@live.com - (41) 9794 7228
Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda (UFPR) - aholanda@yahoo.com

The image features a silhouette of a person with arms raised in a gesture of triumph or joy, set against a bright blue sky with wispy white clouds. The person is standing on a dark horizon line.



CONVITE À COMUNIDADE GESTÁLTICA BRASILEIRA

PARTICIPE DA PESQUISA DE MESTRADO DESENVOLVIDA NO PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA DA UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ!

TEMA
ESPIRITUALIDADE PARA GESTALT-TERAPEUTAS BRASILEIROS/AS

Formulário disponível em
<http://goo.gl/QkaZBa>

Mais informações com os pesquisadores:
Lázaro Castro Silva Nascimento (PPGPSI/UFPR) - lazaroastro@live.com - (41) 9794 7228
Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda (UFPR) - aholanda@yahoo.com

The image features a silhouette of a person with arms raised in a gesture of triumph or joy, set against a bright orange and yellow sky, suggesting a sunrise or sunset. The person is standing on a dark horizon line.

Apêndice II – Perguntas do questionário online

*Obrigatório

Pesquisa realizada pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal do Paraná Público-alvo: Psicólogas e Psicólogos brasileiros que atuam como psicoterapeutas com a perspectiva da Gestalt-terapia (Gestalt-terapeutas). Para entrar em contato com os pesquisadores: Lázaro Castro Silva Nascimento - (41) 9794 7228 - lazarocastro@live.com
Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda - (41) 9244 2460 - aholanda@yahoo.com

Dados sociodemográficos e formação acadêmica

Sexo * Feminino // Masculino

Idade * Ano de formação em Psicologia *

Há quanto tempo atua como psicoterapeuta? *

Há menos de 5 anos // Entre 5 e 10 anos // Entre 10 e 15 anos // Entre 15 e 20 anos

Há mais de 20 anos

Região em que atua * Norte // Nordeste // Centro-oeste // Sul // Sudeste

Fez formação/especialização em Gestalt-terapia? *

Sim Não

Caso tenha marcado sim para a questão anterior, onde/com quem fez formação/especialização em Gestalt-terapia?

Questionário

Minha doutrina religiosa é *

Se não for religioso/a marque "outro" e especifique: ateu, agnóstico ou outra categoria:

Budismo

Candomblé

Católica

Espírita

Evangélica

Judaísmo

Novas religiões orientais

Testemunhas de Jeová

Tradições esotéricas

Umbanda

Outro:

Como você define espiritualidade? *

Temas relacionados à espiritualidade já compareceram no seu trabalho enquanto psicoterapeuta? *

Sim Não

Apêndice III – Questionário “Core Dimensions of Spirituality” adaptado

Questionário sobre Espiritualidade: Dimensões Fundamentais da Espiritualidade (Adaptado)* Escolha a opção de 1 (discordo totalmente) a 5 (concordo totalmente) abaixo para cada assertiva considerando a sua experiência pessoal.

a) Eu lido conscientemente com o meio *

1. Discordo totalmente 2. Discordo 3. Indiferente. 4. Concordo 5. Concordo totalmente

b) Eu sinto que Deus é meu amigo *

c) Eu busco pelo espírito *

d) Eu tento ser empático com os outros *

e) Buscar e questionar são os sentidos da minha vida *

f) Sinto paz no meu interior *

g) Minha vida é paz e alegria *

h) Eu me sinto inteiro com o mundo *

i) Eu busco por discernimento e coerência *

j) Eu tento abrir minha mente *

k) Eu tento ser paciente e tolerante *

l) Minha fé me ajuda a lidar com problemas *

m) Eu tento engrandecer minha alma *

n) Eu sinto o amor de Deus *

o) Eu confio em Deus *

p) Eu tento ajudar os outros *

q) Eu tento tratar os outros conscientemente *

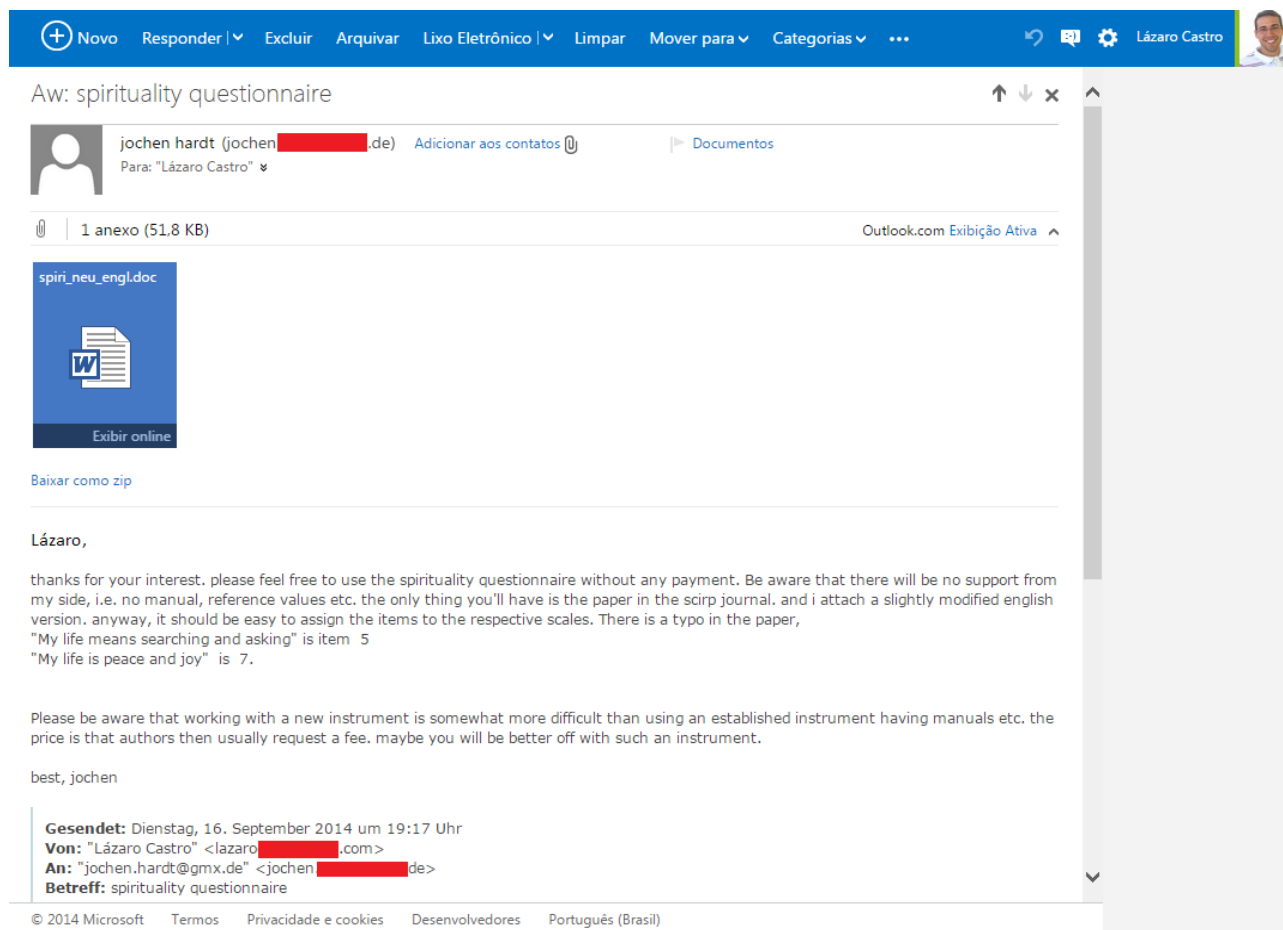
r) Eu confio na minha fé quando preciso tomar decisões *

s) Eu vejo um mundo amigável ao meu redor *

t) Eu sinto que há muito amor no mundo *

O questionário utilizado aqui foi adaptado para o português brasileiro. O original encontra-se no estudo de Hardt, J. , Schultz, S. , Xander, C. , Becker, G. & Dragan, M. (2012). The Spirituality Questionnaire: Core Dimensions of Spirituality. *Psychology*, 3, 116-122. doi: 10.4236/psych.2012.31017.

Apêndice IV – Autorização do uso do questionário via e-mail



The screenshot shows an Outlook email interface. The subject line is "Aw: spirituality questionnaire". The sender is "jochen hardt (jochen [redacted].de)" with a link to "Adicionar aos contatos" and a "Documentos" icon. The recipient is "Para: 'Lázaro Castro'". There is one attachment: "spiri_neu_engl.doc" (51.8 KB), which is a Word document icon with a "W" logo and a link to "Exibir online". Below the attachment is a link to "Baixar como zip". The email body contains the following text:

Lázaro,

thanks for your interest. please feel free to use the spirituality questionnaire without any payment. Be aware that there will be no support from my side, i.e. no manual, reference values etc. the only thing you'll have is the paper in the scirp journal. and i attach a slightly modified english version. anyway, it should be easy to assign the items to the respective scales. There is a typo in the paper, "My life means searching and asking" is item 5
"My life is peace and joy" is 7.

Please be aware that working with a new instrument is somewhat more difficult than using an established instrument having manuals etc. the price is that authors then usually request a fee. maybe you will be better off with such an instrument.

best, jochen

Gesendet: Dienstag, 16. September 2014 um 19:17 Uhr
Von: "Lázaro Castro" <lazaro [redacted].com>
An: "jochen.hardt@gmx.de" <jochen [redacted].de>
Betreff: spirituality questionnaire

At the bottom of the interface, there is a footer with the text: "© 2014 Microsoft Termos Privacidade e cookies Desenvolvedores Português (Brasil)".

Os endereços eletrônicos foram suprimidos da imagem, mas é possível encontrá-los no artigo original com o questionário.

Apêndice V – Respostas para a pergunta “Como você define espiritualidade?”

A CRENÇA NO ABSTRATO E EM PODERES ALÉM DOS CORPÓREOS. (P1)

Algo que transcende o cognoscível. (P2)

Acredito que espiritualidade seja a crença em algo superior, independe de uma divindade. É ter fé para além do humano. (P3)

A espiritualidade é a dimensão humana que nos possibilita transcender o mundo material e concreto. (P4)

Um aspecto do ser humano a ser desenvolvido, relacionado aos demais aspectos da vida humana. (P5)

defino como individualidade, liberdade sem regras ou exigencias ou deverias. se sentir fazendo parte, criador e responsável. (P6)

concordo com a definição de Leonardo Boff, espiritualidade é PLENITUDE, em todas as suas dimensões. Acredito que a espiritualidade não se confunde com religiosidade, fé ou inclinação religiosa. A espiritualidade é a manifestação da busca por uma vida plena. (P7)

Como o princípio interior de cada ser humano, o qual o ajudará a reger sua vida. (P8)

Espiritualidade é algo inerente ao ser. É uma conexão energética com todos os seres vivos, com todo o universo o qual cada indivíduo sente de forma subjetiva. (P9)

Encontro existencial, paz de espírito, autoconhecimento e amor ao próximo. (P10)

Awareness Total dentro e além de mim (P11)

Conjunto de crenças de uma pessoa com relação a fé, a algo transcendente, maior do que nós, humanos. Não necessariamente ligada a uma religião, mas à fé da pessoa e aquilo que ela faz com essa fé. (P12)

A fé que nos move a acreditar, confiar e enfrentar os desafios da vida. (P13)

Não frequento muito a minha igreja mais rezo ouco musicas de louvor bastante , porque me faz bem demais me deixa em sintonia com o espirito santo e me deixa muito bem pra lidar com meus clientes (P14)

A Espiritualidade é um componente da vida do cristão, daquele que acredita em Deus, no algo a mais, no que o diferencia dos outros que não tem fé (P15)

Crença na existência de algo além do corpo material, crença na sobrevivência da alma/espirito após a morte. (P16)

Como a dimensão que trata da conexão e crença numa força superior (P17)

Como conexão com uma dimensão transcendental do ser, nossa interconexão com os outros seres vivos, com a natureza, com o todo, com a alma do universo. Como é o único lugar da pesquisa onde há espaço para uma colocação mais pessoal, gostaria de deixar claro que não tenho nenhuma concepção específica de Deus a não ser como uma energia universal. (P18)

Ter fé em alguma doutrina. (P19)

hoje compreendo que espiritualidade é algo muito maior do que religião e religiosidade. É algo que transcende os dogmas e ritos. Entendo como uma capacidade de se conectar com algo superior que tem um sentido e significado muitas vezes único. Para minha vida pessoal entendo os dogmas e os rituais como algo organizador... mas entendo que nem sempre é libertador, pois depende da relação e do significado que se estabelece com tudo isso. Para mim Deus é supremo e atinjo minha espiritualidade no relacionamento de entrega e confiança que tenho nesse Ser Divinal e tão onipotente. Outros podem ter sua espiritualidade de outra forma.. dissociada da religiosidade. (P20)

A maneira como vivemos, buscamos a Deus, o que transcende, almejando a plenitude com Deus, as pessoas, a natureza, o meio em que vivemos. (P21)

A relação com o divino (P22)

é um dos aspectos do ser humano, isto é somos corpo, espírito e mente inseridos em um campo. (P23)

Espiritualidade é a experiência humana da transcendência da materialidade. Na vivência da espiritualidade, o homem faz contato com o mistério da vida, ou seja, tem fé em seu sentido. (P24)

Espiritualidade é a capacidade de estar conectado com você, a natureza e seu entorno. (P25)

Uma forma de transcender o aqui e agora. Uma forma de reverenciar o encontro humano. (P26)

Relação transcendental do homem com o mundo, uma busca pelo desenvolvimento do espírito/alma. (P27)

Estar em contato com algo além de nós mesmos e desse mundo que nos cerca. Para mim é a parte mais importante do "tudo" que somos, pois quando exercida nos pessoas mulheres. No meu ponto de vista está totalmente ligada a Deus e a busca de conhecimento sobre Ele. (P28)

Ter fé de que existe uma força maior que conecta todo o universo. Acreditar que fazer o bem é o certo e que desta forma seremos mais felizes. (P29)

É uma forma de conectar-se com algo que é comum a tudo e todos. (P30)

Espiritualidade é o encontro com o divino dentro de nós, que tem ligação com a natureza e não tem relação com alguma religião. O espiritual é essa força que tem íntima relação com quem somos e para que vivemos, subordinado às leis da vida e da natureza. (P31)

Espiritualidade é a fé por uma doutrina religiosa ou crenças subjetivas, onde acreditamos que algo maior que nós rege nossas vidas. (P32)

E a conexão do ser humano com o divino. E maravilhar-se com o belo, E sentir-se parte da humanidade e pre-occupation-se por seu bem-estar. (P33)

Defino como fé e profundidade nas relações com tudo que é natureza, com o universo. (P34)

LIGAÇÃO COM A FÉ DE QUE EXISTE ALGO MAIOR DO QUE VEMOS COM OS OLHOS DA RAZÃO (P35)

É o que habita o íntimo da nossa percepção, antes de qualquer epistemologia e explicação. (P36)

Fundamental no processo psicoterapêutico. (P37)

Uma busca de evolução e autoconhecimento com base na fé e crença entrando em contato com suas experiências e vivências. (P38)

Prática ou postura (modo de ser no mundo) que envolve o contato transcendente e divino além do simplesmente material. Muito mais pessoal e íntimo que institucional (religiosa). (P39)

Espiritualidade para mim é a fé daquilo que não vejo, mas sei que existe. É uma força que me fortalece. É um acreditar que tudo é possível. (P40)

Consciência da existência de uma dimensão metafísica da vida, busca do conhecimento do Sagrado, vivenciando sintonia com com uma força que transcende o individual. (P41)

Espiritualidade é acreditar na vida e em tudo que nos rodeia como algo criado por uma força e energia superior a nossa. É acreditar na vida e fazer dela um prazer e não um martírio. É viver e agir no bem à si mesmo e ao próximo. É trabalhar diariamente para ser uma pessoa melhor: mais paciência, mais compaixão, mais bondade, mais amor. (P42)

Espiritualidade é uma necessidade que temos, como criação, de sermos ligados a Deus criador. É uma comunicação, um relacionamento entre nosso espírito e Deus, que nos alimenta e nos completa. É através da espiritualidade que nos desenvolvemos como um só e só assim podemos amar, podemos nos deixar tocar pela necessidade do outro e ajudá-lo. É também pela espiritualidade que comungamos com toda a criação, toda a natureza, como irmãos, com o mesmo objetivo, agradar ao Pai. (P43)

Uma força superior que o apoia em momentos bons e ruins. (P44)

É a maneira que cada um tem de se conectar com o que julga ser divino, conseguindo o amparo de uma religião ou não, mas tendo fé em uma força maior e que a ciência não concretiza. (P45)

Quando o homem tem um contato além do percebido e vivido no concreto. É uma dimensão além, quando busca se integrar e conhecer de uma forma transcendental, dele no mundo numa plenitude de ser. (P46)

Espiritualidade é a forma de se entregar para o sagrado. Todos nós temos um sagrado que é preciso ser cuidado e alimentado. Faz parte da motivação do viver. Todo cliente que procura a psicoterapia, procura o sagrado. O resgate da totalidade do seu existir. O sagrado tem a ver com a relação de si e do outro. Da fé da transformação. De compreender melhor a si e o mundo. (P47)

Espiritualidade é diferente de religiosidade. Religiosidade, está ligada a uma religião e espiritualidade é a crença em algo para além de si mesmo, a crença no mistério, que existe algo além da nossa materialidade. (P48)

Valores morais refletidos em prática diária (P49)

Concebo a espiritualidade como uma parte da formação pessoal e profissional, desde sempre tive esta opinião, e a escolha pela Gestalt Terapia não ocorreu por acaso, já que traz em sua história influências de filosofias orientais. (P50)

É o modo como o indivíduo pratica sua fé. (P51)

Como Católica Apostólica Romana, acredito que espiritualidade está relacionada à crença num Deus Supremo, Pai, Filho e Espírito Santo, Aquele que comanda todas as ações. (P52)

Conexão com o divino, com forças transcendentais que nos impulsionam a fazer o bem - para nós e para o próximo. Faz parte de nós - queiramos ou não - de nosso psiquismo - tenhamos consciência disto - ou não. É a força e a motivação primeira e última do homem. Não é aprendida nos livros - nem nas religiões - é inerente ao homem - mas, paradoxalmente, pode ser desenvolvida - ao entrarmos em contato com ela - ao cuidarmos desta faceta humana. (P53)

Ligação com Deus, sem necessariamente ter uma religião. (P54)

Espiritualidade é encontrar a própria verdade, a verdade interior, a verdade sobre si mesmo: que somos Deus, somos Deuses. Independente do que fazemos e de como escolhemos manifestar a nossa divindade, nós somos Deuses. Espiritualidade é encontrar Deus e o amor divino em si mesmo, na própria vida e nas próprias ações. Espiritualidade é reconhecer que somos seres iluminados e com infinito potencial, que se manifesta de maneiras diferentes, mas que sempre é uma manifestação da centelha divina. Espiritualidade é o nosso caminho, qualquer que seja o caminho trilhado. Todo caminho trilhado pelo ser humano é espiritual, pois é seu próprio caminho como Deus no mundo. (P55)

Crença na transcendência, em algo além do corpo físico. (P56)

Uma natureza inerente, básica do ser. (P57)

para mim, fica a ideia de uma conexão com o divino (um sobrenatural - sem limites de forças humanas) independente de qual nome se dê ao divino. Também me ocorre a presença da fé - acreditar sem ver e presenciar. (P58)

Acredito que espiritualidade está relacionada a uma energia que define a maneira como vemos a vida e nos relacionamos com o mundo e com os outros seres humanos e naturais do nosso universo. É relação com algo superior ao nosso EU, pode ser um Deus, uma energia, o universo, etc. Essa energia nos movimenta e pode dar poder e coragem para seguirmos em frente, não importando os obstáculos que encontremos. (P59)

homen e uma unidade biopsicosocioespiritual. Consultar ""A estrutura da transformação"" onde eu como seu autor falo ao respeito desta concepção. (P60)

Energia (P61)

Crença e consciência de participar de algo maior e estar em relação com isto. (P62)

Espiritualidade é o saber não sabendo, é o contato com a humildade do que é, e do que foi. Espiritualidade é um ponto que fica entre o eu e o todo. e tudo está conectado entre linhas e pontos. (P63)

Espiritualidade pra mim é uma energia que vai além da energia física. Energia da alma que nos mantém vivos. É o que nos liga a algo que não tocamos. Uma força que não temos controle. Algumas pessoas podem dizer que é a energia da natureza, do planeta, de Deus etc. Não importa o nome. Penso que, quando estamos ligados a esta energia deixando-a fluir nos acontecimentos da vida, podemos lidar melhor com os resultados. (P64)

Crença que se tem a algo transcendente. (P65)

Conexão com a força criadora do universo. (P66)

Para mim espiritualidade é uma função que proporciona apoio e suporte ao indivíduo. Por meio da espiritualidade podemos atingir crescimento, respeito ao próximo e evolução enquanto seres humanos. (P67)

Espiritualidade é a forma como a pessoa se conecta com aquilo que transcende o que é visível, palpável e explicado pela ciência. Está ligada a crença a um fundamento religioso e/ou espiritual. (P68)

Vejo como uma forma de me comportar no mundo a partir de crenças em um relacionamento pessoal com a pessoa de Jesus Cristo, de maneira transcendente. Minha espiritualidade se torna um prisma pelo qual enxergo a vida e meu estar neste mundo, bem como minha preparação para outro plano de vida. Sendo assim, ela guia minhas atitudes, mas não mecanicamente, porém a partir de uma consciência voluntária e satisfeita. (P69)

A espiritualidade é algo intrínseco ao ser humano e independe de religião. É o modo como o indivíduo lida com o seu lado místico. Místico no sentido de mistério. É aquilo que cada um intui existir e que se tem como sagrado, independente da religião seguida. A espiritualidade tem elementos que são comuns a todas as religiões como amor, respeito ao próximo, estado orante entre outros. Porém, cada religião o vive de acordo com seus ritos e crenças. (P70)

Como uma filosofia de vida. Que norteia meus princípios éticos e morais. (P71)

Espiritualidade possui definições diversas, é algo amplo. Como atéia, não atribuo esse tema a nada superior, nenhuma entidade ou instância diferente do humano. Posso ver a espiritualidade como o lado emocional do homem, as energias que ele demonstra em grupo, e a empatia que estabelece com outros homens. (P72)

Acredito que exista uma energia que podemos ou não chamar de Deus, que nos une em uma rede, acredito que estamos todos conectados e que somos parte de algo maior. Espiritualidade é acreditar que somos mais do que máquinas, é acreditar que somos espíritos. Apesar de ter sido criada como católica, não acredito num Deus que julga e pune. Acredito em energia e nas consequências da quebra de equilíbrio dessa energia. Acho que essa energia que nos une é o amor, que não é um sentimento, pois damos muitas formas para essa palavra, amor é uma energia, é a energia espiritual que nos une e que mantém o equilíbrio, é o amor que nos conecta com essa rede e a falta dele é o que nos desconecta. Espiritualidade é acreditar que mesmo quando o corpo físico deixa de existir algo permanecerá vivo, não sei se ainda com self, ou se apenas voltamos a nos misturar ao universo como energia, isso também tenho curiosidade de saber. (P73)

Acho que a espiritualidade é aquilo que a pessoa tem como verdade para si, envolvendo as crenças e credências (P74)

A meu ver, trata-se de acreditar em uma energia que se coloca acima ou além das coisas materiais, que, para aqueles que são espiritualizados, pode auxiliar em uma maior adequação, conforto ou possibilidades de encontrar soluções para questões do cotidiano. (P75)

Regularmente faço preces, reflito e até tento meditar. Porém, não acredito que haja um ser superior semelhante ao Deus cristão-ocidental. (P76)

Minha relação com Deus. (P77)

Viver a transcendência, cada um a sua maneira. (P78)

Percebo a minha espiritualidade de acordo com a minha humanidade. À medida em que me percebo mais humana, vivendo o que tenho hoje e conseguindo olhar para a vida de forma humana e real, me sinto mais espiritual. Ao estar em contato com a minha emoção e poder disponibilizá-la ao mundo, nos momentos em que está ali, sinto-me completamente conectada ao meu eu-espiritual. (P79)

Espiritualidade é ter fé na vida, independente da religião, é acreditar que existe algo que é superior as nossas compreensões. (que não me define, mas, que rege o universo). Espiritualidade é estar em paz consigo e com a vida, é como um banho de cachoeira, sentir o calor das pedras, dar um mergulho no mar e sentir a paz e a tranquilidade que a natureza traz. É estar em contato com o que é mais humano em mim, estar próximo de mim mesmo. Nada ainda muito elaborado, mas, fez sentido quando escutei que é preciso ter um pouco de fé para acreditar na teoria organísmica e na auto-regulação. Essa fé de que há uma tendência a sempre nos "equilibrar". (P80)

Em nossa cultura, como algo desnecessário, que manipula a mente das pessoas. Serve como consolo para aguentar a vida, mas penso que todos poderiam viver sem "espiritualidade", baseando sua força, crença e sentido existencial na própria humanidade, acreditando na vida aqui na Terra e no ser humano. Lembrando que aqui no Brasil se confunde os conceitos de espiritualidade e de religiosidade. Se vive a espiritualidade de forma religiosa. Para mim, transcender no sentido da espiritualidade é enxergar o outro, transcender a si mesmo, ultrapassar o individualismo, e não seguir a uma religião e seus rituais enebriantes. (P81)

Conexão com o mistério, conexão com as energias do universo. (P82)

Contato com o transcendente. (P83)

a essência do ser para existir (P84)

é um canal de comunicação especial. Algo para além do contato do dia a dia. Suporte. (P85)

Aspecto da personalidade humana que o permite dar um sentido para o seu existir. (P86)

Espiritualidade é a busca, o movimento de ir além, o processo entre a estagnação e a realização, algo que motiva o indivíduo a superar os obstáculos, as adversidades da vida. (P87)

Existência de energias que são trocadas entre seres vivos e o universo. Fé na prática do amor como resposta para a evolução da humanidade. (P88)

Acredito que espiritualidade não necessariamente tem a ver com Deus e a criação divina. Pode-se sentir-se daqui, como parte deste todo. Como um conjunto que na verdade faz parte de uma coisa só, que nos une como seres vivos, no aqui e no agora. Se isso for Deus, somos Deus! (P89)

Um contato direto com Deus, sem intermediários. Um Deus bom e que não aprisiona pela culpa e que não pune como deturpam as igrejas. (P90)

Confusa, mas acredito em energia, boas vibrações e na natureza. (P91)

Como uma dimensão do Ser, ã necessariamente religioso. (P92)

A espiritualidade é um processo pleno de desenvolvimento de cada indivíduo, pois através dela, temos a oportunidade de compreensão de nossa real existência humana, trazendo um equilíbrio de si mesmo. (P93)

Capacidade de estar em contato e em harmonia com o seu interior. (P94)

Acredito no ser humano como uma totalidade bio, psico, social e espiritual. Mas também sei respeitar os que não incluem essa dimensão na sua compreensão do ser. (P95)

Acredito sermos regidos por um mundo maior, um Ser Supremo, que transcende nosso entendimento terreno. Dessa forma, espiritualidade para mim é o contato que tenho comigo, com Deus, com o outro e com a natureza, é a paz interior que sinto em alguns momentos, é ter a consciência tranquila em relação aos meus atos, é orar, silenciar, meditar, é ter uma força que vem de dentro para enfrentar as facilidades e os percalços da vida sem me perder. (P96)

Para mim espiritualidade tem a ver com plenitude. Assim, espiritualidade seria uma parte do todo que é o ser humano: bio-psico-sócio-espiritual. (P97)

Transcendental, Energia, Ligação com o seu Eu maior, Reencarnação. (P98)

Defino como o transcendental. Acredito que espiritualidade vai muito além da religiosidade. É ter fé na vida, é acreditar que nada é em vão. Que estamos aqui porque existe algo maior que nos orienta, seja um Deus, um cosmo, a natureza, etc. Creio que precisamos de valores relacionados ao bom convívio com o outro, com o mundo que nos cerca, com a natureza. Sem a espiritualidade, acredito que sobra um vazio que não é fértil, é escuro e triste. A espiritualidade me remete à esperança e gratidão. (P99)

Espiritualidade é uma dimensão da pessoa humana, a forma como compreende, lida, celebra a transcendência. É a vida no Espírito, as relações estabelecidas com Deus, as pessoas, consigo mesma, com a natureza, o cosmo. (P100)

Qualquer tipo de relacionamento com Deus ou outro ente (P101)

A espiritualidade é algo fundamental na minha vida, parte de quem eu sou. (P102)

Para mim, espiritualidade não é a mesma coisa que religião. Espiritualidade é uma dimensão da pessoa humana que revela seu modo de viver, ou seja, sua fé interior em Deus, sua relação com as pessoas que a cercam, com a natureza e com a sociedade em que vive. (P103)

Como algo primordial na vida de qualquer pessoa. (P104)

É a vivência, em simultaneidade com todas as outras dinâmicas, da dinâmica do absoluto. É a conexão plena com o universo. (P105)

É acreditar em uma força superior criadora que rege o universo e todas as coisas. Eu creio que esta força/energia criadora é Deus. E que ela faz parte da nossa existência. Estamos atrelados e atravessados a ela e ela a nós. Estamos nesta vida composta pela matéria de passagem com o objetivo de aprendermos e evoluirmos enquanto espírito. E quando morremos voltamos enquanto espírito para o criador de tudo. (P106)

Estar bem com você mesma, poder sentir suas sensações e uma forma de proteção. (P107)

Espiritualidade pra mim é a energia (capacidade de conexão e doação) que é sentida na relação entre indivíduos e na relação entre indivíduos e locais/natureza. Na conexão com o que te rodeia e te faz existir no mundo, no simbologismo da fé imaterial. (P108)

Espiritualidade é a dimensão do sentido da existência para cada pessoa. Não se trata de algo ligado a religiosidade, mas à abertura do ser-no-mundo. (P109)

uma forma de perceber uma conexão com algo maior, algo que nos transcende (P110)

Não defino espiritualidade. (P111)

Como mais um caminho para ampliar awareness, nos ajudar a termos mais qualidade em tudo na vida. (P112)

Espiritualidade é uma relação íntima da pessoa com um ser superior que transcende a razão humana. (P113)

Relação consigo mesmo em ligação com o mundo e com a natureza. (P114)

Espiritualidade é fenômeno global onde cada ser, à sua maneira, se conecta com sua fé, agregando princípios e valores que visam contribuir para um estado de bem-estar interior. (P115)

Acredito ser a vivência de uma crença de que existe algo para além de minha experiência como ser finito e concreto, que sinto me ligar com algo que me transcende. O que convenciamos chamar de Deus, se mostra em experiências profundas com outras pessoas e com o mundo (P116)

Nossa essência é espiritual. Somos espíritos vivendo uma experiência corpórea (P117)

Acredito que todos deveriam crer em algo. Sigo a doutrina espírita e acredito que viemos ao mundo para evoluir sempre! E a cada dia a vida nos dá obstáculos a serem vencidos ou aceitos. (P118)

A conexão com o sagrado, que existe uma força, uma energia maior. (P119)

praticante parcial (Não concordo com algumas coisas como religião mas como filosofia sim) (P120)

A espiritualidade é paz de espírito que você encontra quando medita em um ser superior que pode auxiliar a passar por situações que nós, seres Humanos, não tem ou tem pouca governabilidade sobre o que está acontecendo. (P121)

Habilidade de se contactar com o espírito (P122)

Momento de encontrar paz interior. (P123)

Não tenho uma definição, porém poderia dizer que acredito na conexão do ser humano com a vida, com o cosmos, com a totalidade do universo. (P124)

vivência de um mistério (P125)

Espiritualidade é algo que conecta a pessoa a um campo que transcende ao humano. (P126)

Como um aspecto relevante na experiência das pessoas (P127)

Parte de um todo existencial demonstrado através da manifestação e vivência da fé (P128)

O encontro com Deus (algo maior) (P129)

Defino espiritualidade como uma força que move e transforma o ser humano. É o principal suporte para enfrentar situações difíceis. (P130)

Crença em algo superior (P131)

Quando alguém nasce de novo e a partir deste nascimento orienta sua vida pelos ensinamentos do evangelho de Cristo e pela orientação do Espírito Santo. (P132)

Capacidade de transcender o mundo puramente racional e acreditar em uma força, uma energia, que vai além do que se explica pela lógica. É algo mais sentido do que pensado. (P133)

Como elemento que integra a constituição da nossa subjetividade. Responsável pelo acúmulo de diversos introjetos que norteiam formas de ser no mundo. Entidade experiencial a qual atribuímos sentido de fé e reconhecemos o sobrenatural, o Divino. (P134)

É um estado emocional que toca o meu coração me trazendo paz. Seja nas pessoas, nos animais, na natureza, num objeto. Enfim, em tudo que for belo. (P135)

Busca de significado para a vida e para a morte. (P136)

Para mim a espiritualidade não está ligada diretamente a uma doutrina religiosa, mas sim como um modo de viver. Em busca de paz, harmonia, de conexão com algo maior que a mim mesmo (com o transcendente). Relacionado com a busca de Saúde física, emocional e social. (P137)

Espiritualidade é tudo que está no mundo... toda a energia que existe e move o mundo é espiritualidade. (P138)

Quando penso em espiritualidade, penso nas palavras: energia, troca e contato. (P139)

Defino como a conexão entre mim e a criação (ou Deus) onde eu sou parte dela (ou Dele) (P140)

Acredito que espiritualidade transcende a religião. Tem a ver com a fé em algo superior e que está sempre presente. (P141)

Como sendo importante no sentido de busca interior que pode lhe trazer tranquilidade e resgate do humano para compreender muitas das vezes o conflito que este indivíduo pode estar vivenciando atualmente. (P142)

Busca de explicação do incompreensível e forma de aplacar a angústia de ser nada. (P143)

MINHA FE EM JESUS, INTIMIDADE COM DEUS (P144)

Espiritualidade é uma necessidade humana de sentido, frente as ambivalências da vida num processo que é temporal: horizontes de passado e horizontes de futuro são suscitados a cada novo dado, isto é, cada agora é povoado por um campo de presença que se abre para infinitas possibilidades. Mas as possibilidades de futuro são apenas fantasias enquanto não realizadas, portanto há um constante vazio em nossa existência que é a condição para a criação do novo. O ser humano necessita preencher os vazios da vida, pois a angústia é um afeto extremamente difícil de enfrentar. Dentre tantas possibilidades que podem dar sentido à vida estão as práticas espirituais que precisam ser respeitadas de acordo com a escolha de cada um, desde que não se coloque ou coloque outros em risco. É necessário um discernimento ético. (P145)

Uma conexão pessoal com o divino e transcendente que há em cada um de nós sem necessária ligação a uma doutrina religiosa. (P146)

Uma forma de encontrar significado para a vida através daquilo que transcende o tangível! Ela pode estar ligada ou não a religião! (P147)

Condição em ser espiritual por algo ou alguém. (P148)

Uma dimensão da vida (P149)

O contato com uma esfera mística que pode ligar o ser humano a uma energia essencial que transcende explicações racionais ou científicas. (P150)

Pela crença no divino e em como somos afetados pela energia que nos envolve, e como afetamos tudo ao nosso redor, por esta mesma energia. (P151)

Espiritualidade é algo que busco para harmonizar meu corpo mente e alma, equilibrando meu campo. (P152)

Espiritualidade consiste em viver sabendo da existência de algo maior que nós mesmos, é ter fé, e se nutrir com atividades que desenvolvam o lado espiritual, como a oração, meditação, contemplação, dentre outros. (P153)

Fe... positividade... compaixao... empatia (P154)

Para mim, é difícil desvincular a espiritualidade de religião, apesar de não me sentir confortável com tal relação. Espiritualidade é uma busca para dar conta de compreender aspectos da condição humana não explicados cientificamente, através da religião.(P155)

Uma energia que ainda não temos total conhecimento de suas variáveis. (P156)

Defino como uma ligação/conexão com um "algo" maior, seja com o Universo, seja com Deus, seja com seu protetor espiritual ou Jesus... Uma conexão que nos fortalece e nos orienta. (P157)

Ao meu ver, espiritualidade transcende o aspecto religioso. É uma ligação íntima a um Ser maior e também à própria essência divina presente em cada ser e em si mesmo. (P158)

Considero que espiritualidade não tem necessariamente relação com religiosidade. Acredito que a espiritualidade envolva sempre uma fé, uma crença em algo, mesmo que tal crença não possua explicações científicas, por exemplo. Entendo que, na maior parte das vezes, uma pessoa alimente a sua espiritualidade por se sentir bem com isso, por encontrar algum benefício para sua própria vida. (P159)

Como algo que não se vê, se têm fé. (P160)

Acredito ser um tipo de reflexão das ações humanas, por meio da evolução de uma consciência que transcende a explicação científica, como a fé. (P161)

Não sei se há como definir isso, mas é algo que transcende as religiões. Creio que espiritualidade seja tudo aquilo capaz de transmitir paz. (P162)

Ter contato com aquilo que escapa ao humano, aquilo que transcende. (P163)

É o sentir de forma profunda o contato com meu eu interior e DEUS - energia cósmica que gera paz e amor - através do silêncio interior em profundo contato comigo mesmo e com a natureza, que também é o outro ser. Comunhão, paz, amor, tranquilidade, surpresa, mistério, unidade, sabedoria, humildade, tolerância, respeito a tudo e todos são palavras que definem espiritualidade para mim. (P164)

Minha conexão com o meu sagrado que não quer dizer com um Deus, mas com o todo... Comigo mesma. (P165)

Entendo ser a fé em algo superior a condição humana, não há uma explicação racional, mas um sentimento e vivência conforme esta fé. (P166)

É a percepção, compreensão e crença de haver algo maior do que todos os seres terrenos e que conduz a todos os que nisso acreditam a exercer atitudes em favor do bem e na certeza de que sempre haverá uma solução possível através de uma intervenção desta força maior. Crer em Deus, crer em energia positiva, crer na existência de espíritos são formas de demonstrar que existem configurações que produzem energia, força e motivação para que todos possam fazer algo. (P167)

É a forma com que nos relacionamos com Deus. (P168)

É algo que me ajuda a viver melhor e a compreender situações aparentemente incompreensíveis. (P169)

Levando para o lado da religiosidade, dentro da Igreja Católica, defino a minha espiritualidade como sendo franciscana, ou seja, baseada nos ensinamentos de Cristo e de Francisco de Assis. Busco no meu dia-a-dia, exercer aspectos que são importantes, como me colocar no lugar do outro para entender determinada realidade e buscar aceitar as limitações de cada um, como manifestação da criação divina. (P170)

É sabido que a espiritualidade é algo definido de maneira diferente da religiosidade. A espiritualidade é uma busca de sentido para sua existência no que é abstrato, no além do concreto, material. Buscar uma compreensão e um consequente bem-estar para aquilo que é misterioso e transcende ao ser humano. (P171)

Energia de transformação, paz, viver bem consigo mesmo, respeitar as diferenças pois tudo no universo está interligado com o sagrado (P172)

Experiência que transcende o contato com a materialidade, vai além do que posso ver e tocar concretamente. (P173)

Espiritualidade é uma criação do homem para ele ter no que acreditar quando não há no que acreditar. É uma forma de dar sentido à sua experiência e mais amplamente à sua existência. (P174)

É uma forma de encontro e reencontro. Resignificação com seu eu interno e com a sua identidade. Não está ligada a uma instituição mas sim a sua forma de expressão. (P175)

Nasci em familia catolica mas sou adepta tambem ao espiritismo, compreendendo que muito da espiritualidade ainda possui razoes ocultas. (P176)

Ao meu ver, a espiritualidade é intrínseca ao homem e é essencial à sua existência, independente da vivência de uma crença ou doutrina religiosa. Percebo que muitas vezes, confundida com uma simples crença ou pertencimento a uma determinada doutrina religiosa, a espiritualidade é subjugada pelo próprio indivíduo, principalmente por aqueles que discordam de tais instituições. Contudo, a totalidade do ser somente pode ser alcançada a partir do contato. Contato com o mundo (real, material), contato consigo, e contato com o transcendental, com tudo aquilo que transcende ao homem. E este último somente pode ser alcançado através da Espiritualidade. Tenho essa concepção como católica, mas também como Gestalt-terapeuta. Ao abordar o homem sob um olhar holístico, é imprescindível perceber neste a existência da espiritualidade, bem como as formas individuais de vivenciá-la por cada indivíduo. (P177)

A espiritualidade envolve algo além da Terra e do céu e diariamente existe uma batalha espiritual muito grande, de modo que nossas almas sejam alcançadas de forma nociva. Assim, entendo que a entrega de minha vida ao Deus supremo, juntamente com o auxílio do Espírito Santo e a fé permite que eu viva neste plano, com sabedoria e discernimento do mundo. (P178)

Defino espiritualidade como sentimento de fé. Um espaço que é marcado pela existência de algo que é maior que a minha pessoa. (P179)

Espiritualidade é algo que a pessoa vivência, independente de estar em uma igreja, ou afim, é algo que se sente interior e fisicamente, tanto para si mesmo, com cuidados e atenção para algo que está sentindo, como para com outros, sendo numa simples conversa, mas se doando por inteiro e acolhendo aquele ser. (P180)

Acreditar (P181)

O que transcende aquilo que se pode compreender através do concreto. O humano em cada pessoa, com suas precariedades. O que acontece nas relações para além do que se apreende somente pela razão. (P182)

Tenho como algo interno que busco com a renovação interna a cada momento. (P183)

Espaço de crença e de fé em algo imaterial e intangível, porém contundentemente presente e balizador da minha existência. Conexão com "algo" que me transcende e do qual emana fundamentalmente uma energia de amor e generosidade. (P184)

Espiritualidade é uma forma de vivenciar o contato com algo superior, metafísico, que nos move rumo a uma forma de viver mais leve, mais verdadeira, mais honesta. (P185)

O que permite seu contato com sua intuição, com o inexplicável, com a fé e movimentações espirituais. Difícil na verdade, pois estou descobrindo agora. (P186)

É uma força interior, que independe de dogmas. Tanto faz o caminho que o indivíduo escolha para exercê-la, ou seja tanto faz qual religião, mas que tenha uma função de nortear momentos de solidão é condição humana. (P187)

Como uma essência, uma energia que interliga todos os seres humanos. (P188)

Espiritualidade é a busca para o sentimento de equilíbrio emocional. (P189)

Energia divina que permite que estejamos em paz, em contato, conectados com algo maior, com tudo e com todos, inclusive com nós mesmos. (P190)

perda de tempo. (P191)

ALGO CRIADO PELO SER HUMANO E INTRÍNSECO À ELE, NECESSÁRIO ÀS MASSAS. (P192)

Algo que está para além da razão. (P193)

A compreensão da existência de algo além do físico, material e objetivo. (P194)

caminho da conexão com o criador (P195)

Acredito em algo que não conseguimos explicar, mas conseguimos sentir. Energias superiores. (P196)

A forma como uma pessoa filosofa sobre a vida e seus acontecimentos. (P197)

Sensação de ligação com os outros e o mundo. (P198)